



Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

O SOFRIMENTO PSÍQUICO DA POPULAÇÃO NIKKEI NO BRASIL E SUAS FONTES

Gabriela Tiba Katsuragawa

SÃO PAULO

2025

Gabriela Tiba Katsuragawa

**O SOFRIMENTO PSÍQUICO DA POPULAÇÃO NIKKEI NO BRASIL E SUAS
FONTES**

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido
como exigência para graduação no curso de
Psicologia sob orientação da Prof^a Dra. Solange
Aparecida Emílio.

São Paulo

2025

DEDICATÓRIA

Gostaria de dedicar essa pesquisa a todos os asiáticos, especialmente os Japoneses e seus descendentes, que assim como eu, em algum momento já se sentiram não pertencentes, ou deslocados nos espaços que ocupam. Para aqueles que diariamente, dentro de sua escola, faculdade, trabalho, olham para os lados e não encontram muitos como ele. Para aqueles que já sentiram sua identidade cultural desvalidada por não se encaixar em um estereótipo de como os demais esperam que você se comporte. Para aqueles que já se sentiram uma farsa por não serem bons em matemática, ou por não gostar de comidas típicas, ou por não saberem falar japonês. Para aqueles que durante a infância foram zoados pelo lanche diferente que levavam para a escola. Para aqueles que sempre ouvem “de onde você é?”, “você é descendente do que?”, “fala alguma coisa em japonês?”. Para aqueles que constantemente são apelidados de “japa”, “japinha”, “japonês”. Para aqueles que já ouviram para abrir seus olhos. Nossos olhos que na verdade são sinal e marca da nossa herança ancestral, demandados de serem abertos como se não conseguíssemos enxergar a realidade muitas vezes preconceituosa que está presente no nosso cotidiano.

Eu dedico esse estudo e me solidarizo com o sofrer de cada um que se identifica com algumas dessas muitas dores silenciosas e veladas do ser Nikkei no Brasil. Apesar da pauta racial amarela não ser muito discutida dentro das salas de aula da faculdade, penso que é essencial que nós nos façamos presentes e coloquemos em pauta questões como essas acima, infelizmente ainda pouco discutidas. Espero que ao irem de encontro com esse estudo, algumas dessas dores sejam validadas, reconhecidas e abraçadas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, por sempre ter me apoiado nos estudos e na minha formação profissional, mas para além disso, por terem me ensinado a vida toda a me orgulhar da minha identidade cultural japonesa, me incentivando desde cedo a me interessar pela cultura. Hoje posso da minha forma, contribuir um pouco para a continuidade e fortalecimento das nossas raízes culturais no Brasil.

Agradeço a todas as professoras e professores que foram essenciais para todo meu aprendizado durante a graduação, que ensinaram não só conteúdos teóricos, mas como ter um olhar cuidadoso e uma escuta atenta ao próximo. Agradeço em especial à professora Solange Aparecida Emílio, por ter me orientado e apoiado durante o processo de produção desse trabalho, com muita sensibilidade e dedicação. Também agradeço ao meu parecerista José Agnaldo Gomes, que sempre demonstrou um olhar muito carinhoso e tão gentilmente aceitou ler esse trabalho.

Agradeço a todas as minhas amigas e amigos que me apoiaram durante toda a vida universitária, ouvindo desabafos, compartilhando experiências, fofocando entre as aulas, todos os momentos que tornaram minha graduação a mais especial possível. Sem todos vocês a faculdade não teria sido a mesma.

Agradeço, por fim, a mim mesma, por ter tido a coragem de escolher um tema de pesquisa tão sensível para a minha própria existência, correndo o risco de evidenciar dores e feridas pessoais, mas com a finalidade de poder colocar em pauta as vivências e experiências dessa população ainda pouco estudada. Estudar os Nikkeis foi voltar constantemente um olhar para mim mesma, para minha família, minha infância, minha vida.

RESUMO

A imigração Japonesa no Brasil soma mais de 115 anos de história, representando parte significativa da população Brasileira. Esses indivíduos, que são emigrantes do Japão e seus descendentes, sejam de descendência racial mista ou não, são os Nikkeis Brasileiros. Apesar de ser uma população que cresce cada vez mais, as vivências e o sofrimento desses indivíduos não é um assunto muito explorado. Em vista disso, o presente estudo tem como objetivo investigar as fontes de sofrimento psíquico relacionadas com o ser Nikkei no Brasil. Essa investigação foi realizada de forma qualitativa, através de entrevistas semiestruturadas para descobrir as vivências dos entrevistados, quais são as fontes de seu sofrimento e como elas se relacionam com sua identidade Japonesa. Foram entrevistados dois homens e duas mulheres, a amostra foi obtida por conveniência. Após as entrevistas, os dados foram revisados por meio de uma análise temática. A partir dessa análise, é possível considerar que algumas das principais fontes de sofrimento psíquico para essa população são: o não falar sobre sentimentos e o passado e a hipervalorização da racionalidade; a aparência física; o distanciamento com elementos da cultura e invalidação da sua própria identidade japonesa; estereótipos e a ‘minorias modelo’ e a fetichização dos asiáticos.

Palavras-chave: Imigração, Nikkei, Japão, Sofrimento

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
1.1	PSICOPATOLOGIA E SOFRIMENTO	7
1.2	IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL	7
1.3	HIPÓTESES INICIAIS DE POSSÍVEIS CAUSAS PARA O SOFRIMENTO PSÍQUICO DOS NIKKEIS A PARTIR DE ESTUDOS RELEVANTES NA ÁREA	9
2	OBJETIVO	12
3	MÉTODO	13
4	RESULTADOS	15
4.1	DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS	15
4.2	RESULTADOS INICIAIS	16
5	ANÁLISE DE RESULTADOS	17
5.1	O SOFRIMENTO PSÍQUICO PARA OS ENTREVISTADOS	17
5.2	O NÃO FALAR SOBRE SENTIMENTOS E O PASSADO E A HIPERVALORIZAÇÃO DA RACIONALIDADE	18
5.3	APARÊNCIA FÍSICA	22
5.4	“JAPONÊS PARAGUAIO”: DISTANCIAMENTO COM ELEMENTOS DA CULTURA E INVALIDAÇÃO DA SUA PRÓPRIA IDENTIDADE JAPONESA	23
5.5	ESTEREÓTIPOS E A “MINORIA MODELO”	28
5.6	FETICHIZAÇÃO DOS ASIÁTICOS	31
5.7	IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO COM OUTROS NIKKEIS	32
5.8	HISTÓRIAS ESPECÍFICAS	34
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	39
	APÊNDICES	41
	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	41
	ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	45
	ANEXO	46
	PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	46

1 INTRODUÇÃO

Eu sou uma mulher amarela que pertence à quarta geração de Nikkeis nascidos no Brasil. Na final da década de 1920, as famílias dos meus bisavós vieram ao Brasil em busca de uma vida melhor. Desde criança, vivi a realidade de ser diferente da maioria, na escola, na rua, no clube e em quase todos os lugares que eu frequentava. Apesar de não sentir que minhas oportunidades e direitos foram prejudicados pela minha raça e aparência física, muitas vezes experienciei um não pertencimento na maioria dos grupos de pessoas que eu participei e convivo com esse sentimento até hoje. É comum no cotidiano de um Nikkei ouvir perguntas como: “de onde você é?”, “você é descendente do que?”, “fala alguma coisa em japonês?”, mesmo que tenham nascido e sido criados no Brasil, e perguntas como essa, entre outros fatores, podem contribuir com essa sensação de não pertencer.

No livro “Kazuo sem espaço no Entrelugar”, o autor Gabriel Yukio Goto busca representar a sensação de não pertencimento vivenciada por imigrantes através de um lugar distópico chamado “Entrelugar”. O próprio nome fictício desse espaço remete a situação de estar entre dois lugares diferentes, que é realidade dessa população. Na narrativa, o protagonista passa por uma jornada de descoberta desse espaço, e começa a compreender que ele acontece, pois, ao migrar de um lugar para o outro, os imigrantes acabam ficando figurativamente no meio do caminho, se tornando eternos estranhos aos dois lugares. Uma das consequências desse sentimento relatada na história é a criação de uma barreira externa muito forte que camufla e impede que os outros o conheçam. Nem seu próprio nome era de conhecimento do protagonista, o que é uma referência a sua falta de identidade. Ele também descobre que está no Entrelugar desde seu nascimento, onde seu pai e seus avós foram criados também, ou seja, que apesar de ele já ser 3ª geração morando nesse espaço, as consequências e o sentimento continuam os mesmos. No posfácio, o autor define esse “Entrelugar” como “um povo – normalmente em diáspora - que não se sente acolhido por sua terra natal, nem pelo seu destino, estando em constante questionamento sobre o seu lugar de pertencimento.” (Goto, 2021).

Apesar de ser um livro fictício, a leitura do livro citado no parágrafo anterior me trouxe muita reflexão sobre a realidade dos Nikkeis Brasileiros. Com certeza esse sentimento de não pertencimento está presente na vida de muitos, senão de todos nós, mas quais são suas consequências? Haveria outras fontes originadoras de sofrimento psíquico? O estado de São Paulo tem a maior colônia de Nikkeis do mundo, contudo, os sentimentos dessa população ainda são pouco discutidos e estudados, sendo muitas vezes até negados. Considerando isso, o

presente estudo tem como tema o sofrimento psíquico vivenciado pela população Nikkei no Brasil e suas possíveis fontes. Eu busco tentar encontrar quais são os fatores que contribuem para esse sofrimento, nos mais de 115 anos de história imigratória nipo-brasileira.

1.1 PSICOPATOLOGIA E SOFRIMENTO

A palavra Psicopatologia tem sua origem na junção de “psychê”, ou seja, psique, “pathos” que originou a palavra patológico ou sofrimento, e “logos” que pode se traduzir como lógica ou conhecimento. Juntando essas três palavras gregas forma-se um conhecimento sobre o sofrimento psíquico, sobre o padecer psíquico. Nessa perspectiva, o sofrimento psíquico está associado à psicopatologia, e aquele que sofre disso experencia algo cuja origem ele não reconhece e que o leva na maioria das vezes a reagir de forma imprevisível por si mesmo (Ceccarelli, 2005). A partir disso, entende-se sofrimento psíquico como uma das fontes para doenças da psique, que acometem milhões de pessoas. Muitas podem ser as causas para o sofrimento psíquico, tanto causas físicas quanto culturais, da história de vida do indivíduo ou fatores relacionados à sociedade. É complexo definir o conceito de sofrimento psíquico visto que ele é amplo, tem variadas causas e se manifesta de diversas maneiras de indivíduo a indivíduo.

1.2 IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

Com a finalidade de entender a história dos japoneses e seus descendentes no Brasil, se faz necessário fazer uma revisão histórica da trajetória da imigração Japonesa desde 1908, quando os primeiros navios japoneses chegaram ao Brasil no porto de Santos, até os dias de hoje. Ademais, também foram consultados estudos anteriores com temáticas similares como bibliografia. A partir disso, possivelmente ficarão evidentes alguns fatores relativos ao sofrimento psíquico da população estudada, os Nikkeis. A identidade Nikkei não é estática, tem uma definição muito ampla, mas para esse estudo, trataremos como Nikkeis Brasileiros quaisquer indivíduos emigrantes do Japão e seus descendentes, sejam de descendência racial mista ou não. (Disponível em: <<https://discovernikkei.org/pt/about/what-is-nikkei>>. Acesso em: 05 mai. 2024.).

Até os dias de hoje, existem 4 grandes gerações de Japoneses no Brasil. Partindo da primeira, que contempla aproximadamente de 1908, período da primeira imigração, até 1950, são denominados “Isseis”. Nos períodos pós segunda guerra mundial, quando ocorreu a segunda imigração, estão os “Nisseis”, que são a segunda geração, e em seguida, os “Sanseis” e “Yonseis” que correspondem a terceira e quarta respectivamente. No período de primeira imigração, os Isseis vieram ao Brasil principalmente buscando uma melhor qualidade de vida,

com ofertas de trabalho nas fazendas cafeicultoras do Oeste Paulista, uma vez que o Japão estava passando por um período de grande crescimento populacional e desemprego. Com o incentivo do governo japonês para o movimento emigratório, através da oferta de altos subsídios para aqueles que deixassem o país, estima-se que, entre 1908 e 1941, cerca de 188 mil japoneses tenham imigrado para o Brasil (Disponível em: <https://cenb.org.br/articles/display_pt/207>. Acesso em: 05 mai. 2024.)

Mais adiante, em 1933, baseados em ideais eugênicos e em uma lógica de que os imigrantes seriam uma ameaça para o trabalhador nacional e para a segurança nacional, estavam em vigor muitas críticas ao trabalhador imigrante na Assembleia Nacional Constituinte (ANC) e na imprensa. Nesse sentido, na Constituição de 1934 é instaurada a “lei de cotas” para imigrantes, que estabelecia um limite para a entrada de cada nacionalidade de estrangeiros, cotas que tinham como objetivo limitar a imigração sem dirigir uma medida discriminatória contra esses. (Hayashi, 2022). Durante todo o governo de Getúlio Vargas, houve forte investimento em projetos de restrição à imigração de estrangeiros e a implementação de políticas que visavam reprimir os trabalhos dos imigrantes. Dentre os imigrantes mais perseguidos estavam os Japoneses, que nesse momento já se encontravam organizados em núcleos coloniais, com instituições responsáveis pela manutenção da cultura da terra de origem e sua transmissão para descendentes, o que os fazia serem considerados de “difícil assimilação” pelo governo. Essas populações foram denominadas pejorativamente como “quistos étnicos”, “quistos raciais” ou “zonas desnacionalizadas” (Geraldo, 2009). No Estado Novo, foram proibidos o ensino e os jornais em língua japonesa. (Disponível em: <https://www.sp.br.emb-japan.go.jp/itpr_pt/nipobrasileiro.html>. Acesso em: 5 mai. 2024.)

Já em 1941, com o início da Segunda Guerra Mundial e com o governo brasileiro se posicionando ao lado dos Aliados na segunda guerra mundial, esses núcleos coloniais se tornaram ainda mais alvos de vigilância e preconceitos, com o fator agravador de que o Japão era um dos países que compunham o eixo, sendo esses considerados inimigos da pátria. Com os imigrantes sendo colocados nesse lugar de ameaça à segurança pública, o governo conseguiu justificativas para elaborar concretamente práticas de repressão. Assim, começaram a acontecer prisões e internamento de imigrantes “súditos do Eixo” a partir de 1942 (Geraldo, 2009). As migrações foram interrompidas no período da segunda guerra mundial (1942-1945).

Na constituição de 1946, no período pós-guerra, a imigração japonesa é quase completamente proibida. Durante uma das sessões preparatórias da Assembleia Nacional Constituinte de 1946, falas como a de Miguel Couto Filho (PSD-RJ), filho do criador da lei de

cotas de imigração na constituição de 1934, “Hoje, que não precisamos mais dar explicações diplomáticas ao Japão [...] poderemos simplesmente dizer: a imigração japonesa não nos serve; os nipônicos fanáticos e inassimiláveis não nos interessam como colaboradores do nosso futuro.” (Brasil, 1946, Livro 7, p. 10 apud Hayashi, 2022) demonstram o teor anti-nipônico dessa constituição, que tem uma forte visão de um “perigo amarelo”, colocando a população japonesa como incompatível com a nacionalidade brasileira.

À medida que o Japão voltou a ter boas relações com os Estados Unidos, reestabeleceu relações diplomáticas com o Brasil, e a colônia japonesa se reorganizou no Brasil e se reaproximou da sociedade Brasileira, essa rejeição foi se atenuando. A imigração foi retomada a partir de 1953. Dessa forma, a imigração japonesa passou a ser celebrada. O projeto de lei n.º 43 apresentado em novembro de 1957 tinha como objetivo celebrar o cinquentenário da imigração japonesa no Brasil. Contudo, alguns discursos de deputados ainda revelavam um valor preconceituoso e segregatório, colocando o Nikkei em estereótipos e associando-o diretamente ao Japão e sua cultura e não buscando integrá-lo na cultura nacional: “Se o japonês não se apresenta como tipo ideal de beleza física, para os ocidentais, tem em compensação dotes admiráveis de inteligência, tenacidade, coragem, paciência, disciplina, ordem, trabalho construtivo e amor à causa pública, que o colocam entre os povos mais bem dotados do mundo.” (Brasil, 1958a, Câmara-Diário 15, p. 444 apud Hayashi, 2022).

Após o término da segunda guerra, de 1952 a 1973, imigraram para o Brasil 60 mil japoneses, que contribuíram para o crescimento da “colônia” japonesa neste país. (Disponível em: <https://cenb.org.br/articles/display_pt/207>. Acesso em: 05 mai. 2024.). A população de Nikkeis brasileiros em 1987 já era de aproximadamente 1,2 milhões (Lesser, 2008 apud Haga, 2018). De acordo com o site do consulado geral japonês em São Paulo, não existem dados recentes oficiais fidedignos do número de Nikkeis brasileiros, o último levantamento foi realizado pelo IBGE em 1988. Ainda assim, 1.228.000 nikkeis foram registrados no Brasil, sendo 887.000 desses no Estado de São Paulo, tornando assim a capital econômica a maior colônia de Nikkeis do mundo.

1.3 HIPÓTESES INICIAIS DE POSSÍVEIS CAUSAS PARA O SOFRIMENTO PSÍQUICO DOS NIKKEIS A PARTIR DE ESTUDOS RELEVANTES NA ÁREA

Diante da breve retomada de pontos importantes da história da imigração nipo-brasileira, revelam-se vários aspectos da história da população Nikkei que podem ser causadores de sofrimento psíquico, principalmente aspectos políticos, mas também em relação a preconceito, estereótipos e racismo. Contudo, no livro “Psicanálise, Cultura e Migração”, no

capítulo “Por que eles emigram?”, é salientado que existem outros fatores do movimento migratório que estão além das condições geográficas e político-econômicas. Também devem ser considerados os aspectos psíquicos desse processo. Ele destaca que quando um sujeito migra, há uma ruptura inevitável com a cultura anterior, ele passa viver com uma ausência de referências diretas da cultura de origem e se transforma em um estranho no espaço que habita, se sentindo desamparado como uma criança, causando angústia e intensificando a solidão. Ele destaca que uma forma de fugir desse sentimento é recriar nesse novo espaço ambientes que acreditam ser iguais aos do passado, e no caso dos Japoneses que vieram ao Brasil para trabalhar, apegam-se excessivamente ao trabalho, visto que essa ocupação os ampara psiquicamente e os sustenta fisicamente através de dinheiro (Carignato, 2000).

Nesse sentido, o estudo de Maalouf (2005) pode ser citado na área de sofrimento psíquico e imigração. Ele define o desenraizamento como um “adoecimento que pode deixar feridas profundas no sentimento de si mesmo do imigrante e de seus descendentes”, ou seja, sair do seu país natal e se afastar de suas raízes podendo ser causa de um adoecimento que mexe com a identidade da pessoa, e levando até a não se reconhecerem em sua especificidade étnica no novo ambiente (Safra, 1999 apud Maalouf, 2005). Através do método histórias de vida e depoimentos, ele discute quais são os principais aspectos sobre experiências da imigração e sofrimento presentes no depoimento de cinco imigrantes que vieram ao Brasil em diferentes épocas. Os principais aspectos evidenciados foram o estranhamento, a depressão, a língua, a moradia, a espiritualidade e a amizade.

Ademais, a tese de Haga (2018) traz significativas contribuições ao tema através de entrevistas com Nisseis e Sanseis que tiveram como objetivo identificar se eles já se sentiram em algum momento da vida alvos de discriminação, preconceito e/ou estigmatização. Nos resultados, fica evidente que devido a uma ambiguidade na dupla raiz cultural, o conflito de identidade pode ser um dos causadores de sofrimento psíquico para essa população, assim como vivências na infância e juventude marcadas por discriminação pelas feições orientais e por preconceito principalmente.

Por fim, a tese de mestrado de Nucci (2000) discute o vazio bibliográfico sobre o tema do racismo contra os japoneses nas décadas de 1940-1960. Nesse estudo são evidenciados fatores sobre o racismo contra japoneses presente no Brasil desde o século passado, com foco na década de 1930 e no contexto da segunda guerra mundial, denunciando a falta de discussão sobre o assunto nas bibliografias posteriores a esse período. Já no capítulo “Estudos asiáticos no Brasil” do livro “Ásia, América Latina, Brasil: a construção de parcerias”, é descrito que no

Brasil, estudos sobre a população asiática são colocados em uma posição secundária em relação a estudos de outras populações como europeus ou afro-brasileiros. Contudo, foi identificado que entre os países asiáticos alvo de estudos, os que predominam são os estudos sobre o Japão/Japoneses. Apesar de haver uma recente crescente nesses estudos, e um aumento do interesse em se pesquisar a população Nikkei, o autor ressalta a importância dessas pesquisas, visto que em relação a estudos com outras populações, esses ainda são incipientes na maioria dos casos.

2 OBJETIVO

A pesquisa tem como objetivo primário investigar as fontes de sofrimento psíquico relacionadas com o ser Nikkei no Brasil. Já o objetivo secundário é conhecer as vivências de membros da população Nikkei que reside Brasil. Verificar, dentro do sofrimento, o que advém do ser japonês, da imigração (própria ou de seus antepassados), de sua aparência física (sendo essa fenotipicamente de japoneses), da sua história de vida pessoal, ou de outros fatores.

3 MÉTODO

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa, ou seja, utiliza de técnicas interpretativas, obtendo através delas dados descritivos por intermédio de contato direto do pesquisador com o objeto de estudo. Ela tem como objetivo “descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados” (Neves, 1996). Esse método foi escolhido visto que em pesquisas como essa, a informação a ser investigada só pode ser encontrada do ponto de vista subjetivo dos indivíduos em estudo, como descrito por Fontanella et al. (2006). Dessa forma, Neves (1996) explica que o desenvolvimento de um estudo como esse supõe que o pesquisador faça um recorte temporal-espacial de determinado fenômeno. Levando tais fatos em consideração, essa pesquisa será realizada com indivíduos da população Nikkei Brasileira, que estavam na cidade de São Paulo no período da entrevista. Participaram da pesquisa 4 membros dessa população, em local combinado entre as pessoas envolvidas, de forma individual.

A técnica escolhida para a coleta dos dados é a entrevista semiestruturada. De acordo com Fontanella et al. (2006), ela consiste na elaboração de um roteiro com perguntas-tópicos e uma pergunta disparadora, de forma a preservar a espontaneidade da entrevista. Também é importante que ela tenha um dinamismo, sendo guiada tanto pelas vontades do entrevistador quanto do entrevistado, sem respostas previamente determinadas, e com abertura para serem realizadas perguntas que estão além do roteiro. Para que fosse possível fazer uma análise cuidadosa dos dados e ao mesmo tempo garantir que os entrevistados se sintam ouvidos, dessa forma possibilitando um espaço mais confortável, a entrevista foi gravada, e não anotada, com o consentimento do entrevistado.

Os entrevistados (amostra) foram selecionados por conveniência, ou seja, de acordo com AmatuZZi et al. (2006), “é uma amostragem não probabilística, definida metodologicamente como aquela em que há escolha deliberada de respondentes”. De forma a prezar pelos cuidados éticos, foi formulado um termo de consentimento livre e esclarecido por parte dos participantes, e as informações coletadas foram utilizadas no trabalho sem nomes reais, de modo a prezar pelo sigilo. O TCLE e o roteiro para a entrevista estão nos apêndices I e II, respectivamente.

O projeto foi submetido à análise do comitê de ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e aprovado pelo parecer 7.254.632. Uma cópia desse parecer está no anexo.

Após a realização das entrevistas, os dados dessas foram tratados através de uma análise temática. Minayo (2014) explica que esta análise é “como descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado.”. Essa análise aconteceu em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A primeira fase consistiu na seleção do conteúdo das entrevistas que foi utilizado e na revisão das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa. Ao entrar em contato com os dados obtidos no processo da pesquisa até esse momento, as hipóteses iniciais se defrontaram com as hipóteses emergentes e as teorias relacionadas ao tema. Dessa forma, foram criadas novas hipóteses e as hipóteses anteriores foram reformuladas. É nessa etapa que foram determinados alguns direcionamentos da pesquisa, como as palavras-chave ou frases, a delimitação do contexto de compreensão dessas palavras/frases, os recortes, a forma de codificação, como foram categorizados os dados e os conceitos teóricos mais gerais que orientaram a análise.

Em seguida, na segunda etapa, foi realizada uma categorização, ou seja, redução do material selecionado às palavras e expressões significativas, com o objetivo de encontrar o núcleo de compreensão do texto. Essas categorias foram selecionadas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado. Uma vez realizada a categorização, foi possível classificar essas categorias, agregando-as, dessa forma especificando os temas.

Por fim, na terceira etapa, os dados das categorias já classificadas foram interpretados, relacionando os resultados com a teoria descrita inicialmente, e com outras bibliografias consultadas a partir dos temas identificados que emergiram nas falas dos entrevistados.

4 RESULTADOS

4.1 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

Com a finalidade de manter em sigilo as identidades dos entrevistados, foram utilizados nomes fictícios para se referir os sujeitos. Partindo de uma amostragem por conveniência, todos os entrevistados foram encontrados a partir de indicação de conhecidos da pesquisadora. Os locais das entrevistas foram escolhidos pelos entrevistados, para proporcionar maior conforto e comodidade para eles. O contato inicial com todos foi realizado através do aplicativo Whatsapp.

A primeira entrevista aconteceu no dia 27 de março de 2025, com o Enzo (nome fictício), homem cis de 20 anos, estudante de Medicina, Yonsei (4a geração de descendente de japonês no Brasil), mestiço com descendência japonesa por parte de pai e brasileira por parte de mãe. Namora um homem branco. Hoje em dia mora em São Paulo capital, mas nasceu em uma cidade pequena de interior, no interior de São Paulo. O encontro para a entrevista aconteceu no fim da tarde em um café próximo à faculdade do entrevistado e teve duração de aproximadamente 45 minutos.

A segunda entrevista aconteceu no dia 01 de abril de 2025, com a Larissa (nome fictício), mulher cis de 53 anos, aposentada, formada em Administração de Empresas, Sansei (3a geração de descendente de japonês no Brasil). É descendente de Japonês tanto por parte de mãe quanto de pai. Sobre seu núcleo familiar, é mãe de uma menina de 17 anos e casada com um homem de descendência Italiana. Ela nasceu em uma cidade no interior de São Paulo, mas desde pequena foi criada e viveu toda sua vida em São Paulo capital. O encontro para a entrevista aconteceu no início da tarde em um café próximo ao bairro que a entrevistada mora e teve duração de aproximadamente 1h.

A terceira entrevista aconteceu no dia 08 de abril de 2025, com a Julia (nome fictício), mulher cis de 23 anos, formada em Relações Internacionais e estudante para Mestrado, mestiça com descendência japonesa por parte de pai e italiana por parte de mãe e tem duas irmãs mais velhas. É Sansei (3a geração de descendente de japonês no Brasil) por parte do avô paterno e Yonsei (4a geração de descendente de japonês no Brasil) por parte da avó materna. Nasceu em uma cidade no interior de São Paulo e viveu em uma outra cidade do interior Paulista até seus 18 anos, quando veio para São Paulo para fazer faculdade. Namora um homem branco. O encontro para a entrevista aconteceu no começo da tarde em um café próximo ao bairro onde a entrevistada mora e teve duração de aproximadamente 1h e 10 minutos.

A quarta entrevista aconteceu no dia 10 de abril de 2025, com o João (nome fictício), homem cis de 40 anos, formado em administração de empresas e atua na área de marketing de uma empresa de investimentos. Nascido e criado em São Paulo, é Sansei (3ª geração de descendente de japonês no Brasil), tem duas irmãs mais velhas e é casado com uma mulher branca. Sua família tem histórico com a cultura da religião Seicho-no-ie. O encontro para a entrevista aconteceu no começo da noite no escritório do entrevistado, e teve duração de aproximadamente uma 1h e 10 minutos.

Como mencionado anteriormente, a entrevista semi-dirigida foi o método escolhido para a obtenção de dados. A partir desse método, as conversas foram guiadas por algumas perguntas norteadoras, mas também foram se desdobrando a partir de temáticas diversas que emergiram ao longo do diálogo, o que poderá ser observado na análise dos relatos. Todas as conversas ocorreram fluidamente, com grande contribuição dos entrevistados, que se dispuseram a discutir todos os tópicos propostos e que surgiram.

4.2 RESULTADOS INICIAIS

A partir da seleção de conteúdo das entrevistas a ser utilizado, de uma pré análise das entrevistas, alguns núcleos temáticos foram identificados como significativos no assunto sofrimento psíquico da população alvo. Os principais, e que foram analisados no presente projeto são: o não falar sobre sentimentos e o passado e a hipervalorização da racionalidade; a aparência física; o distanciamento com elementos da cultura e invalidação da sua própria identidade japonesa; estereótipos e a ‘minoria modelo’ e a fetichização dos asiáticos. Também foi possível analisar o que significa sofrimento para os entrevistados, a importância da identificação com outros Nikkeis, e por fim uma análise de algumas histórias específicas dos entrevistados que revelam sofrimento em sua vida. Partindo dessa categorização dos discursos dos entrevistados, foi possível realizar uma análise, juntando as experiências dos entrevistados com dados bibliográficos, que será apresentada a seguir.

5 ANÁLISE DE RESULTADOS

5.1 O SOFRIMENTO PSÍQUICO PARA OS ENTREVISTADOS

Visto que o tema do presente estudo envolve reconhecer o sofrimento psíquico dos entrevistados, durante a entrevista foi perguntado o que eles entendiam por sofrimento psíquico, com a finalidade de estabelecer qual a compreensão de cada um sobre esse conceito, sem fornecer nenhuma afirmativa ou negativa diante da sua resposta. A primeira definição apresentada no tópico 1.1, descreve o sofrimento psíquico como associado à psicopatologia, e aquele que sofre disso experencia algo cuja origem ele não reconhece e que o leva na maioria das vezes a reagir de forma imprevisível por si mesmo (Cecarelli, 2005). Também foi esclarecido que o conceito de sofrimento psíquico é relacional e multifatorial, de acordo com a realidade de cada um, devem ser consideradas causas físicas, culturais, da história de vida do indivíduo ou fatores relacionados à sociedade, entre outros atravessamentos.

Sobre o tema, Enzo afirma que “Pra mim, acho que sofrimento é a ausência crônica de conforto acompanhado de sensação de irresolução”. Esse sentimento de falta de solução do sofrimento psíquico pode ser fator de risco para a população entrevistada, visto que um dos principais tópicos abordados durante as entrevistas foi de não falar sobre os sentimentos e sobre o passado, logo muitas situações e incômodos podem continuar sem solução a longo prazo. Já a resposta de Larissa foi:

O que eu entendo por sofrimento eu acho que são coisas mal resolvidas, sabe? (...) Não encarar de frente a situação. E acho que como os japoneses falam menos, então eu acho que eles guardam o sofrimento nesse sentido, sabe? (...) essa coisa mal resolvida, por falar pouco. Que eu acho que isso é uma característica do japonês (Larissa).

Assim como na resposta de Enzo, esse caráter de irresolução está presente na resposta de Larissa, contudo, na sua fala já há uma associação com a cultura japonesa. Também está evidenciado o comportamento do não falar, e ele é identificado como uma forma de “guardar o sofrimento”, que traz um sentido de extensão e perpetuidade do sofrer. A resposta de Julia trouxe uma perspectiva mais temporal do conceito, dizendo:

Eu acho que a questão do sofrimento, ela acaba sendo uma questão mais perene às vezes, sabe? Uma coisa que se estende, ela não é tão momentânea. Eu acho que ela pode ser uma dor que acaba ficando ao longo dos anos, pode ser uma questão geracional, tipo, de algum episódio traumático, enfim. (...) Eu acho que o sofrimento, ele é capaz de... Ai, gerar esse trauma, assim, sabe? De alguma coisa que meio que fica com você para vida (Julia).

Nessa resposta está o mesmo sentido de continuidade e longevidade da resposta de Larissa. A tradição japonesa está fortemente ligada a questão geracional, logo muitos episódios

traumáticos podem acabar sendo silenciados e transmitidos para as próximas gerações. Dessa forma, esse sofrimento acaba perpetuado pela vida dos indivíduos. Esse silenciamento pode estar associado com honra de acordo com Julia.

Por fim, a resposta de João revela a influência dos comportamentos excessivamente práticos da cultura japonesa em sua forma de agir. Ele disse:

Acho que sofrimento tá muito mais em como você reage, né? Às situações. É... Eu acho que os desafios, as situações e tudo mais desafiadoras sempre vão existir em qualquer situação. Cabe a você sofrer com isso, que é o estado de sofrimento, ou você ver o que faz a partir daí. (...) A dor é uma coisa, a dor todo mundo tem, mas sofrer é uma condição sua. Acho que é diferente (João).

Logo que ele respondeu à pergunta, foi perguntado se ele não identificava na própria fala marcas dessa influência, e após pensar por alguns segundos, ele disse:

Se eu pegar a maioria dos exemplos que eu tive dentro de casa e ao meu redor, com certeza foram pessoas que, meu, bateu um problema, eles iam lá e resolviam, né? Tipo, o que tem que fazer para resolver, né? (...) Realmente, acho que é uma situação muito mais reativa mesmo nesse sentido. Acho que... não se abatem muito nesse sentido e tudo mais. Acho que costuma ser, acho que uma parte, sim, da cultura (João).

Diferente de Larissa, em um primeiro momento em sua fala, não está evidente uma associação com o caráter extremamente prático dos comportamentos dos Nikkeis, o que pode indicar uma internalização dessa praticidade. Mais adiante da entrevista, ele reconhece essa praticidade excessiva, e apresenta a lógica de que há muitas vezes uma grande valorização dessa praticidade, mas como consequência, uma diminuição da afetividade, como se uma se equivalesse a outra. A partir de breves análises dessas respostas, é possível reconhecer dois dos principais tópicos abordados nas quatro entrevistas, que estão intrinsecamente conectados: O não falar sobre sentimentos e o passado, e a hipervalorização da racionalidade, que serão apresentados a seguir.

5.2 O NÃO FALAR SOBRE SENTIMENTOS E O PASSADO E A HIPERVALORIZAÇÃO DA RACIONALIDADE

Como ficou evidente nas falas anteriormente apresentadas, durante as conversas, muitas vezes foi relatado pelos entrevistados que suas famílias não falam muito sobre o passado e sobre sentimentos, o que é possível observar nos trechos a seguir:

Minha família japonesa não é muito de falar, de lembrar passado. Nada disso, sabe? Eu acho que a gente sempre foca em resolver os problemas momentâneos. A família toda da minha mãe é assim, principalmente as mulheres. (...) E se tem que resolver algo, já tira da frente o problema. Então, eu acho que isso é de família. (Larissa)

Eu consigo perceber que o meu pai, ele não tem uma facilidade de falar sobre trauma de família, sobre grandes eventos que aconteceram (...) eu acho que tem um grande gap, assim do que eu sei, o que era sabido e o que só foi escondido por ser um

constrangimento à família ou por julgarem que não era algo que merecia ser compartilhado porque não era algo, digno de orgulho, né? (Julia)

Na fala de Julia, ela revela uma insatisfação em não saber muito bem histórias do passado de sua família, uma vez que elas não são contadas para ela e suas irmãs. Ela conta que a maior parte do que ela sabe foi sua mãe (não-Nikkei) que contou para ela pois achou que era importante que ela soubesse do passado familiar. Já a fala de Larissa ressalta um aspecto importante, de “problemas momentâneos”, ou seja, os problemas que são “tirados da frente” são mais superficiais, de uma complexidade menor, sem assim lidar de fato com problemas mais profundos e estruturais, e sem conversar sobre o que eles significam. Esse grande foco em resolver problemas, sem nunca conversar sobre eles e sobre os sentimentos decorrentes dele, podem ser consideradas uma possível fonte de sofrimento para essa população. Em um primeiro momento, as entrevistadas reconheceram essa forma hiper prática de agir como algo de seus familiares, depois elas a apontam como geracional, e como elas enxergam-na nas próprias ações:

Em mim, eu acho que isso é quase uma constante. Porque a gente é formado pra ser resolutivo, sabe? E não depender dos outros. Isso é uma coisa que foi muito forte na nossa formação (...) você raramente vai pedir uma ajuda. E às vezes você acaba se enrolando por conta disso. Essa coisa de falar menos, tentar resolver. É forte. É muito enraizado na gente. (Larissa).

Conforme os anos foram passando mais eu comecei a entender como o meu pai se portava e porque ele se portava, sabe? E aí eu acho que eu fui pegando alguns maneirismos, e acho que até no raciocínio e comportamento dele, assim, de eu não sou uma pessoa fechada, mas eu sou uma pessoa que, tipo atualmente eu priorizo muito mais uma racionalidade. (Julia).

As entrevistadas não consideram como algo negativo sua parte mais racional e prática, mas pontuam que as vezes acaba trazendo dificuldades, e que é necessário ter um equilíbrio entre o racional e o emocional. Já sobre o não falar sobre sentimentos e o passado, no estudo de Machado (2015), a autora faz uma revisão bibliográfica que exploram o assunto do conversar entre pais e filhos sobre as experiências do passado e sobre emoções. Ela cita dois estudos que investigam a ligação entre conversar sobre experiências envolvendo emoções e o desenvolvimento posterior de habilidades da criança para reconhecer e lidar com emoções. No primeiro, as autoras concluem que há uma relação entre a maneira de se conversar com uma criança sobre emoções (frequência, discussão sobre causas, diversidade de temas e discussões) e a habilidade dessa de reconhecer emoções e lidar com tarefas com perspectivas emocionais (Dunn, Brown e Beardsall, 1991 apud Machado, 2015). No segundo, um estudo mais recente, revela que pré-adolescentes que costumam compartilhar suas experiências pessoais envolvendo emoções com seus familiares podem desenvolver estratégias mais sofisticadas para lidar com a

raiva (Macedo & Sperb, 2013 apud Macedo, 2015). Ela conclui o estudo afirmando que “a presença de um espaço para a narrativa de experiências pessoais na família está relacionada ao desenvolvimento saudável de crianças e pré-adolescentes.”, dizendo que esse conversar tem nos filhos implicações profundas em seus ajustamentos psicológicos.

João, por sua vez, relacionou essa praticidade e racionalidade como uma forma de afeto:

É uma cultura que quando dá algum problema, a família inteira se une, a colônia inteira se une pra poder ajudar uma pessoa que tá precisando, por exemplo, né? Eu acho que tem muito isso. (...) O afeto, ele veio muito de uma forma, assim, cara, o que você tá precisando? De ajuda? Precisa de dinheiro, precisa montar um negócio junto, precisa subir a parede aqui de uma casa. Vai ter gente pra fazer esse tipo de coisa, né? (João)

Há muitas vezes uma grande valorização dessa praticidade, mas como consequência, uma diminuição da afetividade física, como se uma se equivalesse a outra. Essa disposição para ajudar e apoiar seus familiares e membros da colônia é bastante ressaltada como forma de demonstrar afeto, e como algo positivo. Contudo, apesar de atos práticos de serviço serem sim afetivos, não suprem totalmente uma demanda por afetividade mais sentimental e física para o entrevistado. Como descreve João,

Mas, por outro lado, essa parte afetiva, calorosa, etc, né? De dar um abraço gostoso, assim, tal, que nem os brasileiros fazem. Isso não existe, né? (...) E eu já sou de uma leva diferente, de realmente pegar e abraçar e tudo mais, tal. (João)

Logo, uma possível fonte de sofrimento para membros dessa população é a falta dessa afetividade, a dificuldade de lidar com ela. Ademais, ser diferente de seus familiares e se descolar desse perfil menos afetivo, também pode causar constrangimento, visto que há uma demanda que não é suprida naturalmente. Ele descreveu que é uma pessoa “de uma leva diferente”, mas que seus familiares não muito fisicamente afetivos.

Os entrevistados relataram outros episódios que geraram sofrimento em relação aos seus familiares e essa praticidade mais exacerbada, em detrimento da afetividade:

Quando eu era adolescente, tinha síndrome de pânico e ansiedade generalizada, e eu lembro de ter vergonha de falar pro meu pai essas coisas, porque eu sabia que ele ia me julgar, até porque a primeira vez que eu tive um ataque de pânico, ele pegou e chegou pra mim e falou assim, não tem como, tipo, você se controlar sabe? (Julia)

O nikkei parece que ele tem uma certa forma solução para tudo, assim, né? Por ser uma pessoa de excelência, ‘Ah, teve um problema’ ele vai lá e faz. Ele não tem tempo para pensar e vai lá e resolve (...) o meu sofrimento talvez veio muito disso, no sentido mesmo, porque as vezes eu falo, ah, caramba, eu não sei o que que eu tenho que fazer (...) talvez aí, dos homens da família, minhas influências resolviam e cara, talvez eu não resolvesse exatamente dessa forma (João)

Fatores citados nas falas dessa sessão como excelência e orgulho podem ser originadores desse perfil mais prático de se comportar, visto que há nas falas evidências de que os nikkeis se

orgulham de serem funcionais e resolutivos. Já fatores também citados anteriormente como vergonha e constrangimento podem ser o que motiva o não falar sobre o passado e sobre sentimentos, que podem de alguma forma trazer esses fatores para suas famílias e vidas. Seja qual for a motivação e origem desses comportamentos, eles podem ser fonte de sofrimento para essa população, uma vez que quando os indivíduos fogem desse padrão de comportamento, muitas vezes são reprimidos por outras pessoas ou pela pressão social de se encaixar nesse padrão.

Diante dessas duas falas, cabem apontamentos sobre os papéis dos gêneros na cultura japonesa. No caso de Julia, uma mulher, há uma demanda de não se demonstrar sentimental, de se manter racional e não expor seu lado afetivo. Sobre isso, Julia comenta:

Demonstração de afeto é uma coisa extremamente estranha pra mim, assim sabe? (...) Mas eu acho que isso também é uma coisa que é aliada muito à questão de ser mulher, o que você pode demonstrar, o que você não pode demonstrar e, o quanto você precisa se segurar pra conseguir fazer com que as coisas funcionem assim, sabe? Então eu acho que essa racionalidade foi até um mecanismo de defesa que foi se estruturando (Julia)

Nas falas de Larissa, ela indica que principalmente as mulheres da sua família são assim, que são extremamente práticas cuidando de suas casas, filhos e netos, e buscando não reclamar muito, com o objetivo de não incomodar. Já no caso de João, um homem, a demanda é de ser o provedor da casa, que consegue ser forte e resolver todos os problemas sozinho, sem precisar da ajuda dos outros, e levando a sensação de que não deve errar e que não deve contar com os outros. Tais aspectos se revelam na fala de João,

Os homens Nikkeis são pessoas que falam pouco dos seus problemas, né? Então, assim, por mais que eu sou um cara mega comunicativo e tudo mais, quando acontece desafios, problemas, eu tendo a mega me recolher (...) achar que ele tem que resolver tudo sozinho, tem que ser super-homem (...) pra mim foi muito sofrimento, de eu não poder saber que eu posso contar com pessoas, de saber que eu posso pedir ajuda (...) Acho que, pô, não posso realmente ser mais humano, né? Entender que sou falho, né? (João)

Pode-se concluir que o não falar sobre o passado e sentimentos, e a hipervalorização da racionalidade são dois comportamentos bastante proeminentes entre a população estudada. Apesar do sofrimento que muitas vezes decorre desses comportamentos, os entrevistados indicam que a racionalidade e praticidade, dentro de um equilíbrio, é algo que eles avaliam como positivo, mas que é importante falar sobre os problemas e sentimentos, e é importante que o afeto não seja substituído pela praticidade. Também precisa ser levado em consideração os atravessamentos de gênero e as pressões sociais do papel de ser uma mulher nikkei e ser um homem nikkei.

5.3 APARÊNCIA FÍSICA

Outro assunto que apareceu nas falas dos entrevistados foi o da aparência física, nesses casos, das características físicas fenotipicamente asiáticas deles. Enzo, o primeiro entrevistado, afirmou não ter muitas inseguranças consigo mesmo, que gosta de algumas características físicas suas, que no passado chegou a se incomodar com o formato de seu nariz, mas que hoje em dia pensa que ele orna com seu rosto. Ademais não apresentou outras situações envolvendo sua imagem. Larissa também disse que sua aparência não lhe traz sofrimento, mas contou uma história de suas férias que está relacionada ao assunto:

Em janeiro a gente fez uma viagem pro Nordeste, e foi muito engraçado, porque a gente tava em Recife, fomos num restaurante numa região mais periférica, em Jaboatão dos Guararapes. Quando nós entramos no restaurante, sabe quando você sente que todo mundo olha pra sua cara de uma forma estranha? Pra mim e pra minha filha, especificamente. Mas não que tivesse algum tratamento diferente por isso, isso não. (Larissa)

Depois que ela terminou de contar essa história, foi perguntado se ela não se incomodou de alguma forma, e ela respondeu “Não, na verdade, não me incomoda.”. Por outro lado, Julia contou que sua aparência física sempre foi um demarcador ao longo de sua vida, que crescendo, conviveu muito com pessoas asiáticas então não ligava tanto quando alguém fazia uma piada com seus “olhos puxados”. Mas mais adiante, em sua adolescência, ela relatou que começou a se incomodar mais com comentários como o narrado a seguir:

Quando as pessoas mais velhas vão me elogiar, elas sempre falam, tipo, nossa, você é bonita, tal, mas você é, tipo, mestiça bonita, assim, sabe? Não é, aqueles mestiços feios, sabe? (...) Você é bonita, mas, tipo, de um jeito exótico, sabe? Tipo, nossa, bonita, você é japonesa. (...) De tipo, você é bonita, mas, meio que é porque você tem uma parte branca, sabe? Porque isso me torna, acho que, mais passável como uma pessoa branca. (Julia)

Essa fala revela um elemento invalidador de sua identidade asiática, visto que Julia, uma mulher mestiça, reconhece que as pessoas podem estar a chamando de bonita apenas por ter “uma parte branca”. Ademais, comentários como esses podem ter influência sobre a construção de sua subjetividade, não se restringindo apenas ao sentido de beleza, mas também ao sentido identitário. Pensando no conceito de corporeidade, ele é um processo de humanização em que o corpo é visto considerando também aspectos biológicos, genéticos e fisiológicos, mas para além deles, a relação sociocultural do homem os supera, ou seja, o indivíduo incorpora cultura e sociedade em seu corpo (Kolyniak, 2002 apud Ishimori, 2006). No caso de Julia, falas como essas podem ter contribuído para um entendimento de seu próprio corpo e identidade, de certa forma invalidando sua identidade japonesa, visto que atrelam sua beleza à sua descendência

não-japonesa. Sobre aspectos dessa fala como a chamarem de exótica, serão discutidos na sessão sobre estereótipos.

Por fim, João foi o único entrevistado que antes mesmo de ser perguntado se sua aparência física lhe causava sofrimento, já apresentou o padrão de beleza como uma das fontes de seu sofrimento relacionadas ao ser nikkei no Brasil:

Eu acho que tem um aspecto que eu sofri muito, na minha opinião, também, pelo padrão de beleza, né? Na época ali, com meus vinte e tantos anos. Pô, estavam lá meus amigos, todos uns alemãozão (sic), italiano, português... Os caras eram bonitos, né? Não tem jeito. Aí você ir para balada com os caras desses, falei, cara, é óbvio, né, que eu não pegava ninguém e os caras faziam a festa. Isso, pra mim, obviamente, pra minha a autoestima fazia muito mal, né? Como se eu achasse que eu era o cara mais feio do mundo. Então, acho que esse padrão de beleza do japonês não ser uma referência de beleza mundial. (João)

A partir da fala de João, pode-se identificar uma comparação de suas características físicas de um corpo oriental com as de um corpo europeu, e para além de apenas uma comparação física, aspectos sociais relacionados a eles. No estudo de Ishimori (2006) são entrevistados adolescentes Nikkeis a fim de compreender os sentidos e significados de ter e ser um corpo oriental. Em uma das entrevistas, uma das adolescentes revela o desejo de ser “loira de olhos azuis”. A pesquisadora descreve que a valorização do homem branco europeu é algo muito presente na história do Brasil (Schwarcz, 2000 apud Ishimori, 2006). Em decorrência disso, ter características físicas como as dos amigos “Alemãozão, italiano, português” (sic) de João é atribuído a outros valores além de apenas beleza física como descrito por ele em sua fala, mas de significações como status social e riqueza, que são características comumente almejadas. Essa mesma adolescente entrevistada descreve desejar possuir esse padrão estético europeu com sentido de ter um corpo desejado para agradar meninos. Sua fala vai ao encontro à de João, que descreve que em sua juventude, por não conseguir “pegar” ninguém nas baladas que ia com esses seus amigos, sofreu com sua autoestima, visto que seu visual não estava de acordo com o referencial de beleza mundial. Dessa forma, pode-se supor que uma possível fonte de sofrimento psíquico para os Nikkeis é de seu corpo não ser considerado um ideal de beleza, e em decorrência disso, muitas de suas relações sociais, com ênfase para as amorosas nesses relatos, podem ser afetadas.

5.4 “JAPONÊS PARAGUAIO”: DISTANCIAMENTO COM ELEMENTOS DA CULTURA E INVALIDAÇÃO DA SUA PRÓPRIA IDENTIDADE JAPONESA

Na pesquisa de Carvalho e Araújo (2022), os autores citam Oliveira (2015) para explicar a construção da identidade. Eles explicam que esse processo se dá ao passo que “reconhece-se o que se é a partir do que não se é, a partir do outro, do que lhe é diferente”. Logo, para o

processo de formação da identidade, é preciso que o indivíduo entre em contato com diferentes elementos que permitam que ele se encontre e desencontre. Logo no início da entrevista, Enzo diz que ele nunca teve uma aproximação tão grande da cultura japonesa, e por isso, acredita que ele foi uma escolha “engraçada” de pessoa para ser entrevistada. Ele explicou que tem dois núcleos familiares nikkeis, um deles, que vivia próximo a ele em sua cidade de nascimento, ele descreveu como “bem distantes da cultura japonesa”, que gostam de samba, churrasco, festa. O outro núcleo, que vive espalhado por outras cidades, ele descreveu como não próximo, tanto por distância física, mas principalmente por “não ir muito com a cara”, uma vez que ele os considera “muito tradicionais”, preconceituosos, e por isso ele não está de acordo com comportamentos e ideais perpetuados por essa parte de sua família. Ele descreveu sobre essa família:

Eu não me sentia pertencente (...) eu nunca me senti representado, assim, sabe? (...) E eu acho que, tipo, isso num subconsciente meu acabava distanciando, assim. Tanto que, minha vida inteira, eu não gostei de anime, nunca gostei de, sei lá, música japonesa. (...) Eu nunca tive nem vontade de assistir e sempre tive... Parecia uma repulsa, assim, sabe? (Enzo)

Por não se sentir representado por ideais tradicionais de uma parte de sua família, Enzo se afastou dessa parte de sua vida, e conseqüentemente esse distanciamento se reproduziu para elementos culturais. Anime e música japonesa são dois elementos que Enzo associa com a cultura japonesa. Por ele não gostar dessas coisas, ele se descreveu como alguém distante da cultura, invalidando sua identidade Nikkei por isso. Nesse momento da entrevista, ainda não estava clara a origem e os sentidos desses sentimentos de distanciamento e repulsa. Quando foi perguntado se ele sofria de alguma forma por ser nikkei, esse assunto volta:

Acho que não é sofrimento, mas eu acho que eu... Eu reprimo uma coisa que também tem partes boas. Tipo... E eu acho que eu antagonizo muito. (...) O sofrimento é mais a questão de... Eu me privar e me blindar de certas coisas, assim, que não precisaria, sabe? Tipo, de participar de uma viagem de família. Que eu só não curtia porque eu não gostava daquele meio. Então, acho que é mais isso. Que eu perco certas vivências porque eu me distancio um pouco. (Enzo)

Apesar de em um primeiro momento ele afirmar que não é um sofrimento, ele diz que reprime a parte positiva. Em seguida, ele acaba reconhecendo isso como uma certa forma de sofrimento por ser uma privação para novas experiências e vivências agradáveis. Mais a diante, ele fala sobre a origem desse sentimento de repulsa:

Então, eu acho que é mais de associar uma coisa à outra. Tipo, aquilo me remete àquela outra coisa ruim. Então, eu não quero. Acho que era uma coisa muito subconsciente na minha cabeça, sabe? (...) De você associar um sentimento de não pertencimento, um sentimento de não representação a uma imagem. Tipo, eu não me sinto pertencido, eu não me sinto representado por uma cultura. (Enzo)

O sentimento de não pertencimento e falta de representação está bem presente no discurso de Enzo, e ele é associado com elementos culturais que por muito tempo, ele disse não conseguir ter contato. No estudo de De Oliveira Santos (2010), a autora conclui seu estudo dizendo que a identidade é construída através de relações e pode ser vista como uma construção social de pertencimento. Pensando nisso, a identidade é importante para que a pessoa se sinta pertencente a algo, e no caso de Enzo, sua invalidação de sua identidade por distanciamento com alguns elementos da cultura, pode aumentar o sentimento de não se sentir pertencente, que é algo que pode causar sofrimento. A autora termina suas considerações finais com a frase “E, em uma época de tantas divisões, é sempre oportuno lembrar que a identidade marca distância, mas também aproximações.”, que reafirma a importância da identidade.

Mais adiante, Enzo explica que em terapia, conseguiu entender melhor essa repulsa por elementos da cultura japonesa:

De uma coisa que eu dava significado para a outra. Em terapia, eu vi que realmente, a minha repulsa por aquilo, não era porque aquilo era ruim. Não era porque aquele conteúdo era ruim. Não era porque a qualidade daquilo era ruim. (...) Por exemplo, de assistir alguma coisa, antes eu não gostava, eu não conseguia assistir. Hoje em dia eu tenho tentado soltar mais a mão assim, assistir uma coisa ou outra. (Enzo)

Ele conclui sua fala explicitando que hoje ele entende que a repulsa por alguns elementos culturais era decorrente da repulsa que ele sente por ideais preconceituosos e muito tradicionais de uma das partes nikkeis de sua família. Essa parte da família é associada por ele com a cultura japonesa, já que a outra parte de sua família nikkei é bem mais próxima da cultura brasileira. Portanto, ao se afastar da parte da família que ele associa com a cultura japonesa, ele se afasta de elementos da cultura japonesa, sente que se afasta da cultura em um geral, e acabou também associando isso a invalidar sua identidade nikkei, como por exemplo, dizendo que é uma pessoa “engraçada” para ser entrevistada. E essa falta de senso identitário também contribui para essa sensação de não pertencimento descrita por ele em suas falas, que foi identificada como uma possível fonte de sofrimento.

Outro fator associado ao seu sofrimento se revelou em uma certa visão que as pessoas têm sobre a cultura japonesa:

Eu acho que rola na visão social para a cultura japonesa uma coisa meio comercial, até. Isso é uma coisa que me irrita também. Tipo, a galera curte consumir a cultura, mas só a parte boa da cultura, sabe? E esquece toda a parte ruim, preconceituosa. (...) A galera bota um cabresto, assim, para olhar só a parte boa, a parte que é bonitinha, tipo realmente os produtos, as coisas que vêm do Japão são coisas de boa qualidade, assim. Mas a galera só olha isso também. (...) Esse olhar meio... Idealizador da cultura japonesa, sabe? Aquela galera que vai vestida de Naruto pra liberdade, sabe? Uma coisa meio assim. (Enzo)

Enzo se mostrou bastante incomodado com essa forma de romantizar a cultura. Considerando seu histórico de vida com alguns familiares muito tradicionais e preconceituosos, seu desconforto com o apagamento da “parte ruim, preconceituosa” da cultura japonesa ganha mais ênfase, uma vez que ele tem contato com aspectos que ele considera negativos, enquanto essa “visão social” não.

Na linguagem popular brasileira, algo descrito como “paraguaio” é algo de uma qualidade falsa, que não é original. Desde o início de sua entrevista, Larissa se descreveu como uma “Japonesa Paraguaia”. Disse antes mesmo de começar a conversa, que mesmo que tivesse concordado em participar da entrevista, não sabia se poderia ajudar muito pois não era muito próxima dos tradicionais nikkeis. Ao longo da conversa, esse tópico foi explorado, e foi perguntado para ela de onde veio essa concepção de que ela era essa “japonesa paraguaia”, e quais características dela a faziam acreditar nisso. Ela conta que apesar da rigidez de seu avô, a maioria dos seus filhos e netos se casaram com pessoas não japonesas, então que hoje em dia a maioria das pessoas da quarta e quinta geração da família são mestiças. Ademais, comentou sobre suas preferências alimentares, dizendo “comida japonesa, por exemplo, tudo que for cru, pra mim tá descartado”. Essas falas, assim como a do Enzo, revelam que por um certo distanciamento com alguns elementos da cultura japonesa, seja qual for a razão desse distanciamento, há uma invalidação da sua identidade japonesa. Essa invalidação, que em Enzo e Larissa parecer vir de uma percepção interna, em João também veio dos outros:

Acho que meus amigos me vêem como ‘um cara que eu posso confiar’ (...) mas aí tem um pouco esse lado mais brincalhão, né, que acho que, é, que eles brincam muito que eu sou um japonês paraguaio, tudo mais, tal, exatamente porque eu sou um cara, por exemplo, eu vou zoar com a cara de um aqui, de outro lá (...) os nikkeis geralmente são mais reservados, né, então, tipo, eu sou uma pessoa que se expõe, né, então, eu acho que eles me veem um pouco disso, né, ter esse japonês paraguaio que é um pouco diferente. (João)

Nessa fala, os amigos do entrevistado o relacionam a um “japonês paraguaio” por ele não ser reservado como geralmente os nikkeis são de acordo com ele, dessa forma invalidando a sua identidade nikkei por uma característica sua. Apesar de ser apenas um apelido jocoso, ele enfatiza um distanciamento com elementos da cultura japonesa e leva ao sentimento de invalidação da identidade, como se por não ser dentro do padrão esperado, seja um japonês falso e não original.

Mais adiante da fala de Larissa, ela diz que sua avó veio para o Brasil com 3 anos, e por isso ela já cresceu muito imersa na cultura brasileira, um dos motivos pelo qual ela se identifica como uma “Japonesa Paraguaia”. A partir dessa fala, é possível identificar uma certa confusão

sobre estar entre uma cultura e outra, como se de certa forma elas fossem excludentes. Essa confusão fica mais clara em uma fala de João:

Eu acho que o principal ponto é talvez não ter uma identidade, parar e pensar e falar, cara, quem que você é? tipo, quando você é jovem, você fica pensando, em vários momentos naquela época, com seus 15, 16 anos, se falava muito assim, ‘ah, beleza, a gente vai pro Japão, a gente não é japonês, a gente é brasileiro, mas a gente tá aqui no Brasil, o pessoal te chama de japonês’ e tal, então assim, cara, e aí? (...) sou o quê, no final das contas, né, não sei se não é nem um nem outro (João)

Ishimori (2005) cita Phinney (2004) que explica que a experiência migratória coloca no indivíduo o conflito entre culturas, valores, religiões, estilos de vida, levando a questionamentos similares ao que João apresenta em sua fala, como: quem sou eu, quem quero ser, a que lugar pertença. Ademais, a autora explicita que no caso dos japoneses no Brasil, ela acredita que esses questionamentos não se limitam apenas a aqueles que de fato imigraram, mas também a suas gerações posteriores. Isso se dá por uma grande distância cultural entre o oriente e o ocidente, por nipo-brasileiros ainda serem considerados estrangeiros e por conta de a aparência física ser um forte elemento de distinção entre pessoas no Brasil. Dessa forma, é de se esperar que os nisseis (segunda geração), sanseis (terceira geração), yonseis (quarta geração) também tenham questionamentos acerca da própria identidade. A autora também pontua que na adolescência, para o desenvolvimento de uma identidade segura, o indivíduo deve conseguir “construir um sentido de compreensão clara da própria etnicidade e da identidade nacional”, ou seja, de sua parte da descendência japonesa, e de sua identidade brasileira (Ishimori, 2005). Apesar de ter relatado essa confusão quando era mais jovem, João disse que sempre sentiu que transitou muito bem entre seus dois lados, um deles mais próximo da tradição japonesa, de ser mais comportado e dedicado, e do outro, com um jeito mais divertido e “brincalhão”, que ele associou à cultura brasileira. Isso revela uma integração de suas culturas, e que é possível encontrar um equilíbrio entre elas, e que elas não precisam ser excludentes. Ele pode viver tanto sua identidade étnica quanto sua identidade nacional e se expressar através delas.

Ishimori (2005) também cita Kawamura (1999) que define como árdua a tarefa de definir o quão integrado à sociedade brasileira e o quanto há manutenção da tradição cultural japonesa em um indivíduo, visto que diversos fatores devem ser considerados, como a fase que ocorreu a migração de seus antepassados para o Brasil, o local onde eles se instalaram, e o grau geracional desse indivíduo. Para além desses fatores históricos, também devem ser somados outros determinantes como a história de vida e a subjetividade desse sujeito. Diante desses fatores, sugere-se considerar que dentre os Nikkeis, existem aqueles que se sentem mais integrados à sociedade brasileira, e aqueles que ainda se mantêm mais fechados na comunidade

japonesa. Portanto, considerando a definição inicial citada sobre o processo de formação de identidade, pode-se concluir que ela deve ser constituída levando em consideração todas as contradições, diferenças, semelhanças citadas, e não deveria ser desvalidada por fugir de características estereotipadas e pré-concebidas sobre os Nikkeis, visto que há possibilidade de uma integração entre as identidades nacional e étnica.

5.5 ESTEREÓTIPOS E A “MINORIA MODELO”

Na tese de Inoue (2017), são definidos os estereótipos como “conjuntos de atributos que variam, por exemplo, em dimensões de raça, sexo e nacionalidade e definem padrões como tamanho, inteligência, entre outros.”. Devido aos estereótipos, quando não se tem ou não se sabe informações e detalhes sobre alguém, há uma tendência a atribuir a esse indivíduo características de seu grupo. Ademais, afirma que quando há contradição entre o estereótipo e as informações do indivíduo que foi estereotipado, geralmente é mais fácil encontrar evidências que confirmem o estereótipo do que reconhecer essa contradição, pois há um investimento emocional na preservação de padrões e distinção entre grupos. (Tajfel, 1982 apud Inoue, 2017). A partir disso, pode-se compreender os estereótipos e seu funcionamento, mas como eles afetam a população Nikkei em específico? Na tese de Yuko (2018), citada na introdução do presente estudo, verificou-se que uma possível fonte de sofrimento para os entrevistados da tese é de vivências na infância e na juventude marcadas por discriminação pelas feições orientais e por preconceito. Algumas das falas obtidas nas entrevistas vão ao encontro dessa hipótese. Na entrevista com Enzo, quando foi perguntado “Como você acha que as outras pessoas enxergam esse ser japonês ou descendente de japonês?”, ele respondeu:

Eu acho que tem um grande estereotipão (sic) de tipo, japonês, bom e exatas, estudioso, meio certinho, Pessoa muito regradinha. (...) E eu acho que rola também na mentalidade dos japoneses, tipo, de uma maneira meio geral, um senso de superioridade. (...) e tem também brincadeiras preconceituosas com japonês. (Enzo)

A resposta de João para a mesma pergunta foi similar à de Enzo, e apresenta o que ele considera ser um grande estereótipo:

Quando se fala de nikkei, ainda tem, né, ah, são pessoas honestas, trabalhadoras e tudo mais, tal, como um estereótipo (sic) (...) ao mesmo tempo, por serem muito honestas e muito trabalhadoras, acabam sendo feitos de bobo, né, eu acho que essa é a imagem mesmo que ainda acaba tendo (João)

Larissa comenta em sua fala uma dessas “brincadeiras” citadas na fala de Enzo: “Na época, enfim, de vestibular essas coisas, tinha tal da piadinha que tipo, mate um japonês que você vai ter uma vaga. Meu Deus! Hoje em dia acho que isso é até proibido.”. Mesmo que Enzo considere negativos esses estereótipos e brincadeiras, ele disse que nunca se sentiu muito

ofendido por elas, pois nunca se sentiu representado. Contudo, mesmo dizendo que não se sente ofendido, apresentou incômodo quando pessoas em sua história de vida demandaram certas posturas e comportamentos dele, esperando que ele seguisse o estereótipo de ser “certinho” e “regradinho”. No estudo de Yabiku (2007), a autora explica que a associação da imagem do nikkei com contextos e atributos positivos pode muitas vezes mascarar um preconceito. Ao associar os imigrantes japoneses e seus descendentes a algo diferente, mesmo que positivo, cria-se um distanciamento e evidencia essa distinção em relação aos demais, como se esses indivíduos não pertencessem e não fizessem parte dos espaços e grupos em que estão. Já na fala de João, ele ressalta um outro possível malefício desse estereótipo, que é de justamente por existir essa crença de que os nikkeis são muito honestos e trabalhadores, pessoas podem se aproveitar deles, fazendo-os de “bobos”.

Esse estereótipo que associa o Nikkei a uma pessoa regradada, organizada, produtiva, é descrito por Inoue (2017) como o estereótipo da “minorias modelo”. Ele diz que apesar de ser entendido como positivo em uma primeira análise, devido à associação com características consideradas positivas, como de que são “um povo dedicado, talentoso e dotado de conhecimentos acima da média nas áreas da matemática e da tecnologia”, é maléfico para essa população, pois à uniformiza e coloca todos os indivíduos como iguais, excluindo suas individualidades, diferenças sociais e sua dupla nacionalidade também. O próprio termo “modelo” revela o caráter desse estereótipo, pois um modelo é algo que limita o indivíduo a ser apenas um padrão, uma base para algo idêntico. Na fala de Larissa, ela relata uma situação na qual esse estereótipo fica bastante evidente:

Eu trabalhei quase que a vida inteira, no mesmo emprego. Os chefes eram italianos. Tem uma tia que trabalhou comigo, japonesa. E aí, o meu chefe gostava muito dela. Depois, num outro momento, foi uma outra tia também trabalhar lá. E que meu chefe também gostou muito. (...) E meu chefe sempre falava, vocês não têm nenhuma prima, nenhuma amiga japonesa para trabalhar? Porque eles falavam que a gente era sempre, assim, mais disposto ou mais proativo do que os outros. E aí, depois que eu parei de trabalhar, anos depois, um dia eu recebi o telefonema do filho do dono, perguntando se eu não queria voltar a trabalhar. Eu falei eu posso pensar em alguém pra indicar. E aí ele foi meio que taxativo, falando assim, a gente prefere japonês. Caramba! Eu falei assim, nossa, né? A gente fica brigando tanto, né? Enfim, pra não ter discriminações e tal. Mas eu acho que foi a única vez, assim, que eu me assustei com isso, entende? (Larissa)

Dessa forma, os chefes de Larissa (que foi uma funcionária por 30 anos nessa empresa), a igualaram a suas parentes e a todos e quaisquer japoneses que ela pudesse indicar, como se todos fossem performar da mesma maneira, anulando suas diferenças individuais e exigindo deles uma forma específica de trabalhar. Ao mesmo tempo que parece dignificar e valorizar a

forma que ela trabalhava, acaba colocando como substituível, como mais uma mão de obra. Julia desenvolve o conceito de “minoría modelo”:

A gente meio que foi partindo dentro de um processo de começar a ser lido quase como branco por causa da minoría modelo (...) E aí, começar a reproduzir racismo. Ao ponto de ‘aí, o preconceito que a gente sofre não tá matando ninguém’ exatamente assim, sabe? Ele é um preconceito, tipo, em forma de microagressão, que ele não importa muito. E, tipo, como a gente tá dentro de uma trajetória de embranquecimento, é quase como se fosse nada demais (...) então, acho que tudo isso faz muito sentido dentro da estruturação social que aconteceu no Brasil. A gente começou a aceitar esse próprio mito e começou a reproduzir, acho que até que é uma coisa que a gente incentiva. De tipo, caramba, você tem que ser absolutamente incrível em tudo que você faz porque você tem uma comunidade que espera isso de você, sabe? E eu não sei o quanto, realmente, que vem da comunidade, o quanto já foi assimilado. (Julia)

Considerando a trajetória da imagem do Japonês no Brasil ao longo da história do país, como contextualizado na introdução, houve um momento que o “perigo amarelo” se transformou em uma idealização da mão de obra japonesa. Isso vai ao encontro da fala de Julia, dado que em um momento o preconceito contra amarelos era mais violento, depois ele passou a ser mais velado, como por exemplo com esse estereótipo de “minoría modelo”, logo uma parte da população Nikkei passa a reproduzir alguns preconceitos, “microagressões”, e a reproduzir pensamentos como “o preconceito que a gente sofre não mata ninguém”.

Por fim, além de causar esse distanciamento que por si só já pode causar sofrimento, é infligida uma demanda de agir de uma certa maneira, podendo culminar em uma pressão interna. O estereótipo exerce pressões sociais e psicológicas para aqueles que não se enquadram nas predeterminações estabelecidas para o seu povo, visto que eles não se encaixam nas expectativas sociais. (Taylor, Landreth e Bang, 2005 apud Inoue, 2017). Julia, ao responder à pergunta “qual a visão que as pessoas têm sobre os nikkeis?”, trouxe um determinante etário, descrevendo que entre as pessoas de 35 anos para baixo, há uma visão com um “quadro de fetichização”, que será discutido na próxima sessão desse trabalho. Por outro lado, entre pessoas de 35 para cima, ela sente que há um olhar muito estereotipado de “minoría modelo”, e ela conta de como esse olhar a afeta e afetou durante a sua vida:

Então você tem uma interpretação e, um preconceito, assim, de você esperar o certo desempenho da pessoa, sabe? (...) Você passa a sentir que tem uma obrigação de ser realmente muito bom nas coisas que você faz. Não tem como você fazer alguma coisa e ser medíocre nisso. Tipo, se você for ser medíocre, meio que desista (...) uma questão de “minoría modelo” de exigir um certo padrão de exigência, mas eu acho que isso ao longo do tempo se tornou até uma questão internalizada (...) Eu realmente exijo que eu seja melhor (...) Então se eu não sou boa numa coisa, vai ser uma coisa que eu vou tentar levar num tom de humor, ou uma coisa que eu vou parar. (Julia)

Na fala de Julia, ela relata uma grande pressão interna que se originou de demandas externas. Ela explicou que como era esperado dela uma boa performance em todas as atividades, depois

de um tempo ela mesma não conseguia não exigir de si mesma um bom desempenho em tudo. E quando há um desempenho ruim, ela relatou se envergonhar e tentar fazer piada disso, ou fazer com que as pessoas não saibam desse seu desempenho, o que pode ser considerado uma fonte de sofrimento para ela e para a população Nikkei. Vale citar que todos os entrevistados relataram que enxergam uma melhora nas gerações atuais, e que antigamente os estereótipos eram bem maiores e maléficos, mas ainda sim enxergam os estereótipos como negativos e causadores de sofrimento.

5.6 FETICHIZAÇÃO DOS ASIÁTICOS

Como citado anteriormente, Julia descreveu um “quadro de fetichização” entre os jovens em relação as pessoas e a cultura asiática:

E aí foi uma coisa que fez uma guinada bem diferente (...) porque muitas vezes ele vem disfarçado de interesse legítimo, ele vem disfarçado de tipo, a pessoa achar que ela sabe mais da sua cultura e da sua vivência do que você mesma e de uma fetichização sexualizada, assim (...) teve o pico da fetichização, sabe? Então, é o que as pessoas começam a considerar como, tipo, um preconceito positivo, atualmente, sabe? Que, tipo, aí, pela primeira vez, vocês estão sendo, tipo, alvo de algo... De ser romantizado. (Julia)

De acordo com a fala de Julia, a fetichização coloca os asiáticos como algo a ser consumido, como se a pessoa ao se relacionar com pessoas asiáticas, estivesse comprando a cultura deles:

Qual é a diferença, assim, entre o conteúdo que você consome, o discurso que você tem e, tipo, as relações de afeto que você quer ter, sabe? Tipo, quão distante elas realmente são e o quanto delas, tipo, na verdade pode ser um teor de fetichização, enfim ou de você achar que você tá mais próximo de uma cultura por você ter contato com uma pessoa racializada, sabe? (Julia)

No artigo de Pires (2024), a autora define o fetichismo sexual como “uma situação em que o alvo de afeto é um objeto inanimado ou uma parte específica de uma pessoa”. Para além disso, quando esse alvo de afeto se configura em uma preferência exclusiva, ou quase exclusiva, por indivíduos de grupo racial específico, toma a forma de fetichismo racial. Através do método de partilha de histórias e emoções pelas entrevistadas, ela atesta que determinados homens estão à procura de uma mulher com a imagem estereotipada, sexualizada e fetichizada, e que dois fenômenos que podem ter contribuído para tal são filmes de hollywood e pornografia. A autora analisa em seu estudo diversos filmes que contribuíram para uma visão fetichizada das mulheres asiáticas, e apresenta uma análise das categorias mais procuradas no site pornográfico Pornhub no ano de 2022, explicando que nos 6 primeiros lugares surgem “japoneses”; “asiáticos” e “hentai” (anime pornográfico japonês). Nesses dois meios de comunicação populares, as mulheres asiáticas vêm sendo retratadas de forma compulsória como sedutoras e provocadoras, configurando um “sex appeal”, e ao mesmo tempo, passivas e vulneráveis, configurando um

estereótipo asiático, dessa forma contribuindo para a criação de uma categoria imaginária de “minoridade de modelo sexual”, estendendo ao campo sexual o conceito de “minoridade modelo”, que será discutido na próxima sessão. Sobre essa extensão, a autora explica que ela “poderá funcionar como uma desculpa para alimentar a ideia de que a sua “passividade” é uma forma de permissão”, o que vulnerabiliza ainda mais esses corpos fetichizados (Zheng, 2016 apud Pires, 2024). A pesquisadora inclui em suas considerações finais que o retratar as mulheres asiáticas dessa forma contribui para uma visão homogeneizada delas, cria-se uma expectativa de que seus comportamentos, falas, e corpos sejam iguais, e isso culmina em uma experiência de invisibilização.

Por fim, Julia traz um exemplo de uma situação que ela descreveu com desconforto, na qual ela considera que o fenômeno da fetichização aconteceu. Ela era monitora de uma matéria da sua faculdade, e no primeiro dia de aula, se disponibilizou para receber mensagens com dúvidas dos alunos. Assim que a aula acabou, um aluno, homem, começou a mandar mensagens para ela:

Eu percebi que ele tava indo atrás de alguma coisa mas eu tava assim, ai, vou ser simpática, é o primeiro dia. Só sei que no final ele acabou me chamando de amaterasu, tipo, deusa do amor, me pedindo inspirações e ele falou que ele queria fazer o trabalho sobre poesias (...) Ele mandou três tipos de poesia dele pra, tipo, eu analisar e aí ele tava falando assim ‘ai não, porque eu preciso muito da sua ajuda porque, tipo, quando eu começo a ficar apaixonado eu já começo a fazer poema erótico pra pessoa que eu gosto’ (Julia)

De acordo com o site da aliança Brasil-Japão, a “Amaterasu” é uma deusa ancestral mítica da família real do Japão, elemento cultural famoso na cultura japonesa, e muitas vezes glorificado (Disponível em: <<https://site.aliancacultural.org.br/amaterasu/>>. Acesso em: 25 abr. 2025.). Essa situação, além de ser um assédio em um ambiente acadêmico, também pode se configurar como uma fetichização de acordo com Julia. Era o primeiro dia de aula, ainda não tinham trabalhos para serem realizados, e esse aluno tentou abordá-la, associando-a com uma deusa japonesa, figura popular da cultura. Ademais, o caráter de passividade presente no estudo de Pires também está presente nessa situação, na medida em que o homem se sentiu permitido a começar a enviar essas mensagens a chamando de “Amaterasu”, pedindo sua ajuda e dizendo que escreveria poemas eróticos.

5.7 IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO COM OUTROS NIKKEIS

Durante as entrevistas, foi identificada a importância da relação com outros Nikkeis, sejam eles familiares, amigos ou parte da comunidade, de estar junto de pessoas com vivência similares ligadas pela mesma raiz cultural, mesmo que com realidades pessoais diferentes. Julia

relatou que muitas vezes, não se sentiu tão mal com algumas brincadeiras preconceituosas, visto que estava dentro de um contexto com muitos outros Nikkeis, e não via sentido nas brincadeiras sendo que várias outras pessoas no ambiente eram similares. Depois que ela saiu do interior, desse ambiente com muitos asiáticos, relatou sentir mais a realidade de não conviver com muitas pessoas similares a ela, e como esse sentimento a levou a buscar mais por interações que ajudassem na identificação e aproximação com a cultura japonesa:

Eu acho que quando eu fiz uns 18 anos eu comecei a ter essa identificação um pouco maior, até por contato com uma amiga minha [amiga Nikkei citada durante a entrevista]. (...) Comecei a ir atrás dessa questão de identidade a partir daí, porque antes, quando eu tava no interior, eu sempre estive muito perto de colônias asiáticas, assim, então, tipo, eu sempre tinha pelo menos uma pessoa dentro do meu grupo de amigos que era asiática. E aí isso mudou bastante quando eu fui para faculdade em São Paulo, porque, tipo, eu era a única pessoa asiática da minha sala. (Julia)

Mais adiante, ela fala dessa amizade com essa amiga citada e de sua importância:

E aí acho que a gente foi fazendo uma da outra, tipo, um ponto muito grande pra fazer umas discussões políticas a respeito disso. E aí eu acho que também a demarcação, tipo, de sermos mulheres asiáticas foi um ponto bem importante também da gente acabar se tornando amiga. (...) A nossa identidade foi uma coisa que nos aproximou e acabou virando, acho que, esse ponto de contato. Tanto que atualmente, saindo da faculdade, estando aqui em São Paulo, eu não tenho mais tanto contato com pessoas asiáticas que não sejam, tipo, as minhas irmãs. Mas o ponto que eu consigo compartilhar com a minha amiga, acho que já é algo que eu sinto que é suficiente, assim, sabe? De saber que eu tenho alguém. (Julia)

Julia descreveu essa relação de amizade com sua amiga como algo que traz bastante conforto e amparo para ela. Ademais, ela conta que ao conversar com essa amiga, alguns de seus incômodos com situações de preconceito foram validadas, de forma que essa amiga, como uma Nikkei também, reconhece as vivências a partir de um lugar parecido com o de Julia. Ishimori (2005) cita Mori (2004) que verificou em seu estudo sobre convivência de grupos nipo-brasileiros que o fazer parte de um grupo entre seus semelhantes contribui para o senso de segurança ao se comportar, dos sentimentos de proteção, hospitalidade e acolhimento. Tal lógica é verificada a partir do depoimento de Julia, quando ela descreve essa amizade como um ponto de acolhimento e pertencimento. Também está essa lógica na fala de João. Em sua fala, ele relatou que durante toda sua adolescência, juventude e vida adulta transitou bem entre os grupos sociais na escola e na faculdade, não se fechava com amizades apenas asiáticas, mas comenta o valor desse grupo de amizade Nikkeis:

Mas eu tinha, obviamente, essa turma de nikkeis também, na qual a gente meio que se protegia de uma certa forma, eu tinha outras turmas, mas também tinha essa colônia na qual também tinha uma identificação, mas, de novo, aí não era com, por eles serem nikkeis, eu acho que era porque eles eram nipo-brasileiros, que é um pouco diferente, então, assim, eles estavam na mesma situação que eu, tinham pais que pensavam igual os meus pais, tal, mas aí eu falei, cara, mas eles eram brasileiros igual eu, tinham os trejeitos igual eu e tudo mais, né, então acho que era uma turma que era de

descendentes, mas que eram brasileiros, então acho que ali a gente acabou se protegendo bastante, nesse sentido. (João)

Na fala de João fica explícito que essa aproximação com o grupo de Nikkeis não se dava apenas por conta de sua descendência comum, mas principalmente por conta das similaridades nas suas vidas familiares e suas características pessoais subjetivas como os “trejeitos”, e nessa turma ele encontrava proteção e identificação.

Durante sua entrevista, Julia também conta um pouco de sua família e da manutenção da identidade japonesa dentro dela:

A minha família, também, muitos dos irmãos do meu pai, ele tem sete irmãos, né? Muitos deles se casaram com pessoas brancas e aí as famílias se tornaram núcleos que também foram se embranquecendo ao longo do tempo, sabe? Então, eu sinto que até o meu resgate de entrar em contato com as pessoas e estar perto de uma comunidade de pessoas que são asiáticas e conseguir compartilhar isso é uma maneira que eu consigo, entre aspas, combater esse embranquecimento de perda de memória que eu sei que aconteceu ao longo da minha família. (...) durante a minha adolescência eu consegui reviver um pouco a cultura indo em centro nipônico que tinha em na minha cidade natal. (Julia)

A “memória” citada pela entrevistada é explicada por Carvalho e Araújo (2022) como constituidor essencial da identidade pessoal dos sujeitos. Eles explicam que é através dela que o sujeito dá coerência a sua existência. Eles explicitam que essa identidade não exclui os contextos sociais nos quais o indivíduo está inserido, e que há uma constante interligação entre a dimensão individual e coletiva da memória. A memória deve ser lida como “um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (Pollak, 1992 apud Carvalho, Araújo 2022). Dessa forma, Julia ao buscar interações com outras pessoas asiáticas para resgate de memórias e criação de novas. Ao ir ao centro cultural nipônico, ela também consegue buscar esse resgate de memórias entrando em contato com elementos da cultura. Os autores fazem um adendo no caso de grupos de migrantes e descendentes como os Nikkeis, nos quais as memórias familiares ganham uma importância ainda maior, visto que elas podem ser ligadas à inserção do grupo em um novo espaço. No caso de Julia, ela expressa sentir a falta dessa memória familiar, e por isso luta para combater o esquecimento dela.

5.8 HISTÓRIAS ESPECÍFICAS

Por fim, ao longo das entrevistas, os entrevistados contaram histórias específicas de suas vivências relacionadas ao ser Nikkei e que podem ser consideradas situações nas quais eles ou algum conhecido sofreram psiquicamente, exemplificando alguns dos tópicos analisados nas sessões anteriores. Na primeira história, Enzo conta das vezes que durante a pandemia de Covid-19 entrou no site Omeagle (site de videochamada online com desconhecidos):

Tipo, a pessoa entra, abre, daí vê o meu rosto de olho puxado e fala, "Ai, Covid, sai pra lá" "Ai, não." "Ai, Japinha, não, não." Então, acho que isso rolava pra caralho. Eu achava engraçado, eu entrava só pra galera fazer isso e ficar dando risada com meus amigos, assim. (Enzo)

Apesar de Enzo não ter se mostrado pessoalmente ofendido, e de dizer que ele entrava nesse site para “ficar dando risada com meus amigos”, essa situação exemplifica a forte crescente da xenofobia contra asiáticos no mundo todo que aconteceu durante a pandemia. De acordo com o site TIMES, os asiáticos americanos enfrentaram violência racista muito maior durante a pandemia em relação aos anos anteriores. A polícia de Nova York repostou que os crimes de ódio anti-asiáticos cresceram para 1900% na cidade em 2020. A associação dos asiáticos, principalmente os do leste asiático, com a causa da pandemia alavancou demonstrações xenofóbicas no mundo inteiro, como na situação que aconteceu com o entrevistado (Disponível em: <<https://time.com/5938482/asian-american-attacks/>>. Acesso em: 08 mai. 2025). No dicionário online Michaelis, o termo “xenofobia” está descrito como “Aversão ou rejeição a pessoas ou coisas estrangeiras” e “Temor ou antipatia pelo que é incomum ou estranho ao seu ambiente” (Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/modernoportugues/busca/portugues-brasileiro/xenofobia/>>. Acesso em: 08 mai. 2025). Para além desses conceitos, Matsuo, Batista e Ribeiro (2024) entendem a xenofobia como “uma percepção do outro como ‘estrangeiro’ (...) uma atitude psíquica que funciona como prática discursiva”, ou seja, a partir da visão do outro como estrangeiro, é colocado nele o externo e a ameaça. Apesar de não ter afetado pessoalmente o entrevistado, o movimento de ódio contra os asiáticos pode ser um causador de sofrimento psíquico para a população nikkei, uma vez que manifestações preconceituosas e racistas colocam-nos como diferentes, estranhos e ameaças, além de em alguns casos, ferir fisicamente.

Nos próximos dois casos, o sofrimento está ligado a morte ou quase morte de um familiar. Larissa conta sobre a morte de sua mãe:

Como foi uma morte muito rápida, foi um choque. Mas o que conforta pra gente é que ela sempre falava assim ‘O que eu mais desejo é não dar trabalho pra ninguém’. O que nos conforta é que foi tão rápido que realmente não deu trabalho nenhum. Trabalho no sentido de ficar doente, de depender, de ter que dar banho. Foi do jeito que ela quis. Então a gente busca conforto nisso. Essa praticidade. Essa coisa de resolver. Foi da forma que ela desejou. É horrível. Tipo, sua mãe tá passando mal. Então foi doloroso. Mas foi como ela quis. (Larissa)

Fica bastante explícito na fala de Larissa a questão da hiper praticidade, e com ela uma diminuição do espaço para o sentir e viver o luto. Apesar de reconhecer sua dor, o discurso ficou pautado na solução dada para a morte, e desde antes de falecer, a mãe já se preocupava em não querer incomodar os outros. Encontrar conforto nisso não é ruim, pois também é uma

forma de lidar com o luto, mas pode-se questionar o quanto isso não limita o sentir e o falar sobre os sentimentos. Já Julia conta sobre um caso de quase morte de uma tia:

Ela foi assediada sexualmente por um amigo do meu avô, e ela passou por esse episódio sozinha, assim, sabe? Tipo, não tinha ninguém lá pra ela compartilhar. Ela ficou muito mal, ela tentou se matar com uma arma que ele tinha. (...) Acho que ela atirou no estômago dela, só que não deu nada, assim. (...) E isso foi um episódio que aconteceu há muitos anos. O meu pai não sabia, foi descoberto, tipo, três anos atrás. E uma pessoa da família sabia e eles só não comentaram porque, tipo, era um motivo de vergonha, assim, sabe? Tipo, ah, eu não tenho motivo pra realmente falar porque ela não morreu, sabe? Mas foi uma coisa que, tipo, demarcava muito essa relação, explica muito por parte da vida dela (...) quando ela tentou compartilhar de uma maneira ou de outra, né, direta ou indiretamente, ela foi completamente recusada e reprimida. (Julia)

Assim como na história de Larissa, está envolvido o não falar sobre os sentimentos, ao nível que contar de uma situação traumática passa a ser considerado motivo de vergonha. Guardar e viver com esse sentimento por tantos anos deve ter sido um grande causador de sofrimento para a vítima, ainda mais com essa limitação de não poder contar, sendo “reprimida”. E apesar de ser uma situação grave, pode-se hipotetizar muitas situações nas quais Nikkeis sentiram que não podiam compartilhar seus traumas e problemas e sofreram calados.

A última situação também foi descrita por Julia. Ela conta que quando entrou na faculdade em São Paulo, se deparou com poucos asiáticos em seu curso. Relatou que muitas vezes sentiu falta de representatividade e identificação, e até chegou a tentar fundar um coletivo asiático na universidade, mas que não teve continuidade. A história aconteceu durante a pandemia, com as aulas e eventos da faculdade online:

Era alguma palestra que era em volta de um tema de ascendência, acho que era econômica, cultural e política de alguns países asiáticos. E o painel inteiro era feito de homens brancos, e a entrevistadora era uma menina branca. E eu entrei em contato com eles, e eu falei assim (...) olha, gente... Eu me sinto bem incomodada nessa situação, mas assim, eu tenho contato de várias pessoas (...) posso tentar conversar com alguém, ver se tem uma disponibilidade. (...) A resposta foi “e aí eles falaram, tipo, eu acho que você não consegue entender quanto isso, tipo, meio que não é relevante agora, sabe? (...) a gente não pode cancelar com o convidado. (Julia)

Julia relatou que nessa situação, se sentiu sozinha e sentiu falta de um amparo de um coletivo que a representasse. Demonstrou insatisfação com a falta de incômodo do coletivo com essa situação, como se as pessoas que estavam promovendo a palestra não se importassem para a falta de representatividade. Foi identificada a importância da convivência com outros nikkeis na sessão sobre identificação com outros nikkeis, e nesse caso, fica evidente a importância da presença deles nos espaços de discussão política e social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir, portanto, que foram identificadas diversas possíveis fontes para o sofrimento psíquico dos Nikkeis. É importante considerar, para além da raiz cultural desses indivíduos, sua realidade socioeconômica, o contexto dos espaços que ele ocupa entre outros fatores específicos de sua história de vida. O sofrimento, como foi citado na introdução, é multifatorial, e para compreendê-lo, é importante considerar as diversas fontes e o contexto da vida de quem sofre.

Acredito que o ambiente de entrevista, com esse contexto estabelecido entre a entrevistadora e os entrevistados, foi propiciador para abordar assuntos mais sensíveis que foram essenciais para a compreensão do sofrimento, assuntos esses que talvez não sejam facilmente abordados em uma conversa cotidiana. Vale ressaltar a importância da psicoterapia para os entrevistados, todos os quatro relataram fazer/terem passado por algum processo psicoterapêutico, disseram já ter discutido alguns dos assuntos abordados nas entrevistas durante sessões com suas psicólogas, e consideram o processo positivo e importante para a validação de seus sentimentos acerca do ser Nikkei.

O objetivo principal dessa pesquisa de investigar as fontes de sofrimento psíquico relacionadas com o ser Nikkei no Brasil foi atingido de maneira satisfatória, visto que foram identificadas as seguintes possíveis fontes de sofrimento psíquico para o Nikkei no Brasil: O não falar sobre sentimentos e o passado e a hipervalorização da racionalidade; aparência física; o distanciamento com elementos da cultura e invalidação da sua própria identidade japonesa; estereótipos e a ‘minorias modelo’ e a fetichização dos asiáticos. Ademais, o objetivo secundário, de conhecer as vivências de membros da população Nikkei que mora no Brasil também foi cumprido, pois através da entrevista, pode-se adentrar a história de vida de Enzo, Larissa, Julia e João, e conhecer não só seus sofrimentos, mas a história de suas famílias, suas vivências da juventude, suas carreiras e suas características pessoais.

Com essa pesquisa, revisei a importância de se conversar sobre o sofrer. Apesar do assunto muitas vezes não ser confortável, o compartilhar das dores e dos pesos das vivências tem poder de validar e dar sentido para os incômodos do outro que divide a mesma raiz cultural, e que muitas vezes nem sabe o porquê desses incômodos. Ainda mais com uma população que em muitos casos tem dificuldade de falar sobre sentimentos, o valor dessas conversas cresce em importância, mas também em dificuldade. Também observei na prática que a pressão de carregar o estereótipo de “minorias modelo” vive com muitos de nós Nikkeis, e para além de ser

uma demanda externa do outro, também pode culminar em uma pressão interna, causando dificuldades no dia a dia desses indivíduos, e muitas vezes uma postura mais rígida. Por fim, aprendi o peso de ser diferente, tanto fisicamente quanto em costumes, o distanciamento do outro, mesmo que não dito diretamente em forma de preconceito ou racismo. Esse peso evidencia a importância da convivência e identificação com outros Nikkeis na vida desses indivíduos.

Durante as entrevistas, questões de sofrimento ligadas ao processo de imigração diretamente não apareceram, diferente do que foi previsto na introdução. Acredito que tal fato se deu pois os entrevistados eram representantes das gerações Sanseis (3a geração) e Yonseis (4a geração), já mais distantes do momento de imigração de suas famílias. Para futuras pesquisas, replicar esse estudo com integrantes da primeira e segunda geração seria interessante para explorar assuntos como esse, e outros que emergiriam a partir das vivências dos entrevistados.

Por fim, como citado na introdução, ainda há um vazio bibliográfico de estudos Brasileiros com asiáticos quando comparados a outras populações. A busca por referências bibliográficas que descrevessem experiências similares às dos entrevistados foi um pouco difícil, portanto existe uma demanda para que sejam realizadas mais pesquisas com essa população. Dessa forma, espero que esse estudo contribua com outras pesquisas e com a validação da vivência de outros Nikkeis no Brasil.

REFERÊNCIAS

Aliança Cultural Brasil – Japão. Disponível em:

<<https://site.aliancacultural.org.br/amaterasu/>>. Acesso em: 25 abr. 2025.

AMATUZZI, Maria Luiza L. et al. Methodological language: part 1. **Acta Ortopédica Brasileira**, v. 14, p. 53-56, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS.** Brasília, DF, 2004.

CARVALHO, Keila Auxiliadora; ARAÚJO, Vitor Hugo. Imigração, Identidade e Nostalgia: Uma análise a partir da História Oral. **Em Tempo de Histórias**, [S. l.], v. 1, n. 40, 2022. DOI: 10.26512/emtempos.v1i40.40835. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/40835>. Acesso em: 8 maio. 2025.

DE MACEDO, Lídia Suzana Rocha; SPERB, Tania Mara. Conversar para relembrar em família. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 453-466, 2015.

DE OLIVEIRA SANTOS, Miriam. A noção de identidade e seu uso nos estudos migratórios. REMHU, **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 18, n. 34, 2010.

FONTANELLA, B. J. B.; CAMPOS, C. J. G.; TURATO, E. R.. Coleta de dados na pesquisa clínico-qualitativa: uso de entrevistas não-dirigidas de questões abertas por profissionais da saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 5, p. 812–820, set. 2006.

INOUE, Vinicius Chozo. **A naturalização do racismo anti-asiático na sociedade digital brasileira.** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social). Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

ISHIMORI, Karina Midori. **Viver num corpo estrangeiro: sentidos e significados do ter e ser um corpo oriental para adolescentes nikkeis insatisfeitos com suas fenotipias.** 2006.

GERALDO, Endrica. O combate contra os “quistos étnicos”: identidade, assimilação e política imigratória no Estado Novo. **Locus: revista de história**, v. 15, n. 1, 2009.

GUIMARÃES, Lytton L. (org.), **Ásia, América Latina, Brasil: a construção de parcerias.** Brasília, NEASIA/CEAM/UnB, 2003, p. 105-124.

HAGA, Elizabeth Yuko. **Nikkei: estrangeiro em seu país natal? um estudo sobre identidade, estigma e preconceito com filhos e netos de imigrantes japoneses.** 2018. 214 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

HAYASHI, Bruno Naomassa. Metamorfoses do amarelo: a imigração japonesa do “perigo amarelo” à “democracia racial. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 37, no. 108, 2022, p. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2022, Vol.37 (108).

Informações Gerais e História. Disponível em: <https://www.sp.br.emb-japan.go.jp/itpr_pt/nipobrasileiro.html>. Acesso em: 5 mai. 2024.

LANG, C. **Why More Policing Isn't the Answer to a Rise in Anti-Asian Hate Crimes.** Disponível em: <<https://time.com/5938482/asian-american-attacks/>>. Acesso em: 08 mai. 2025.

MAALOUF, Jorge Fouad et al. **O sofrimento de imigrantes: um estudo clínico sobre os efeitos do desenraizamento no self.** 2005.

MATSUO, Esther Yuri; BATISTA, João Paulo Santos; RIBEIRO, Jocenilson. A propagação de discursos hostis contra asiáticos amarelos na pandemia de covid-19: uma análise de discursos xenofóbicos em jornais on-line. **Migulim-Revista Eletrônica do Netlli**, v. 13, n. 2, p. 393-414, 2024.

MINAYO, M. C. DE S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisas em administração, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

NUCCI, Priscila. **Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil: textos e silêncios.** 2000. Tese de Doutorado. [sn].

Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC-SP. Capítulo “Por que eles emigram”. **Psicanálise, Cultura e Migração.** 2000.

O que é “Nikkei”? | Descubra Nikkei. Disponível em: <<https://discovernikkei.org/pt/about/what-is-nikkei>>. Acesso em: 05 mai. 2024.

Os imigrantes japoneses e suas famílias no Brasil : Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. Disponível em: <https://cenb.org.br/articles/display_pt/207>. Acesso em: 05 mai. 2024.

PIRES, Isabel. Um Lótus ou um Dragão?-a orientalização e fetichização dos corpos das mulheres Asiáticas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, p. e03592023, 2024.

Xenofobia. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/modernoportugues/busca/portugues-brasileiro/xenofobia/>>. Acesso em: 08 mai. 2025.

YABIKU, Patrícia Helena Britisqui; SALLES, Leila Maria Ferreira. A Questão da Diferença: um estudo com imigrantes japoneses e seus descendentes. Educação: **Teoria e Prática**, v. 17, n. 29, 2007.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada “O SOFRIMENTO PSÍQUICO DA POPULAÇÃO NIKKEI NO BRASIL E SUAS FONTES”, sob a responsabilidade de Gabriela Tiba Katsuragawa e a orientação de Solange Aparecida Emílio.

JUSTIFICATIVA: Como uma pessoa membro da população estudada, reconheço esse sentimento de não pertencimento constantemente no meu dia a dia. Com certeza esse sentimento está presente na vida de muitos, senão de todos nós Nikkeis, mas quais são suas consequências? Haveria outras fontes originadoras de sofrimento psíquico? O estado de São Paulo tem a maior colônia de Nikkeis do mundo, contudo, os sentimentos dessa população ainda são pouco discutidos e estudados, sendo muitas vezes até negados. Eu busco tentar encontrar quais são os fatores que contribuem para esse sofrimento, nos mais de 115 anos de história imigratória nipo-brasileira. O presente estudo poderá contribuir com o reconhecimento de possíveis fontes de sofrimento, dessa forma agregando para a literatura da área mais conhecimento e vivências. Ademais, através da descrição desse sofrimento, poderá contribuir com a identificação dele na vivência de outras pessoas, dessa forma validando a dor de outros.

OBJETIVO(S) DA PESQUISA: Inicialmente, busco conhecer as vivências de membros da população Nikkei que vive no Brasil. Dentro dessas vivências, espera-se que sejam evidenciadas fontes de sofrimento psíquico relacionadas com o ser Nikkei no Brasil, ou seja, um sofrimento que advém do ser japonês, da imigração (própria ou de seus antepassados), de sua aparência física (sendo essa fenotipicamente de japoneses) e da sua história de vida no geral. Eu busco principalmente encontrar quais são os fatores que contribuem para esse sofrimento, nos mais de 115 anos de história imigratória nipo-brasileira. Através das histórias de vida dessas pessoas, objetiva-se conhecer possíveis fontes, e dessa forma contribuir com dados e informação sobre esse assunto, possibilitando o reconhecimento e validação do sofrimento dessa população.

PROCEDIMENTOS: O presente estudo é uma pesquisa qualitativa, ou seja, utiliza de técnicas interpretativas, obtendo através delas dados descritivos por intermédio de contato direto do pesquisador com o objeto de estudo. Essa pesquisa será realizada com indivíduos da população Nikkei Brasileira, que estiverem na cidade de São Paulo no período da entrevista. Participarão da pesquisa até 5 membros dessa população, em local a ser combinado entre as

pessoas envolvidas, de forma individual. A técnica escolhida para a coleta dos dados é a entrevista semiestruturada, ou seja, uma entrevista com perguntas-tópicos e uma pergunta disparadora, de forma a preservar a espontaneidade da entrevista. Para que seja possível fazer uma análise cuidadosa dos dados e ao mesmo tempo garantir que os entrevistados se sintam ouvidos, dessa forma possibilitando um espaço mais confortável, a entrevista será gravada, e não anotada, com o consentimento do entrevistado. Os entrevistados (amostra) serão selecionados por conveniência, ou seja, com escolha deliberada de respondentes. De forma a prezar pelos cuidados éticos, será assinado um termo de consentimento livre e esclarecido por parte dos participantes, e as informações coletadas serão utilizadas no trabalho sem nomes reais, de modo a prezar pelo sigilo. Após a realização das entrevistas, serão realizadas análises temáticas com os dados coletados.

DURAÇÃO E LOCAL DA PESQUISA: Os procedimentos da pesquisa serão realizados em local e horário previamente combinados entre os participantes e o entrevistador e terão duração entre trinta minutos e uma hora.

RISCOS E DESCONFORTOS: Sabemos que todas as pesquisas com seres humanos envolvem riscos. Desta forma, não conseguimos garantir que não haverá nenhum risco em sua participação. No entanto, se ocorrer qualquer desconforto durante a realização da entrevista, você poderá interrompê-la e retirar seu consentimento sem nenhum prejuízo a você. A fim evitar e/ou reduzir efeitos e condições adversas que possam causar dano relativo à sua participação, o pesquisador garantirá o sigilo de informações que permitam sua identificação, durante e após a sua realização e nas possíveis publicações resultantes da pesquisa, providenciando assim devido tratamento dos dados coletados.

BENEFÍCIOS: O benefício principal desta pesquisa se dá de modo que o estudo poderá contribuir com o reconhecimento de possíveis fontes de sofrimento, dessa forma agregando para a literatura da área mais conhecimento e vivências. Ademais, através da descrição desse sofrimento, poderá contribuir com a identificação dele na vivência de outras pessoas, dessa forma possivelmente validando a dor de outros.

ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Você poderá acionar a professora orientadora da pesquisa, Solange Aparecida Emílio, que é psicóloga, CRP 06/44593, para esclarecimentos sobre a pesquisa, antes, durante ou após sua participação, mesmo que precise interrompê-la por qualquer motivo. Além disso, ela poderá ser acessada para acolhimento e

acompanhamento, sem nenhum custo, caso ocorra algum desconforto decorrente de sua participação.

GARANTIA DE RECUSA EM PARTICIPAR DA PESQUISA E/OU RETIRADA DE CONSENTIMENTO

Você não é obrigado(a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento, sem que seja penalizado ou que tenha prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, você não será mais contatado(a/e) pelos pesquisadores.

GARANTIA DE MANUTENÇÃO DO SIGILO E PRIVACIDADE: Os pesquisadores se comprometem a resguardar sua identidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após finalizada e publicada. As informações coletadas serão gravadas durante a entrevista através de um aparelho celular, armazenadas no mesmo aparelho, tratadas de maneira sigilosa, e descartadas após o período previsto para a pesquisa.

GARANTIA DE RESSARCIMENTO FINANCEIRO: Fica garantido para participantes o direito de ressarcimento diante de eventuais despesas tidas em razão de sua participação na pesquisa.

GARANTIA DE INDENIZAÇÃO: Fica garantido para participantes o direito de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

ESCLARECIMENTO DE DÚVIDAS: Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, você poderá contatar a pesquisadora Gabriela Tiba Katsuragawa no telefone (11) 99850-2406 ou no e-mail (gabitibakats@gmail.com) ou a professora orientadora Solange Aparecida Emílio pelo telefone (11) 99845-4573 ou e-mail (saemilio@pucsp.br).

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-SP na Rua: Rua Ministro Godói, 969 – Sala 63-C (Andar Térreo do E.R.B.M.) - Perdizes - São Paulo/SP - CEP 05015- 001 Fone (Fax): (11) 3670-8466 e e-mail: cometica@pucsp.br.

Horário de atendimento do CEP ao Público: *Das 11h00 às 13h00 de 2ª a 4ª feira e das 15h30 às 17h00 de 5ª e 6ª feira*

De acordo com a Resolução nº 466/12 da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) e Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP, "toda pesquisa que,

individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou em partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais", deve ser submetida à apreciação e acompanhamento do CEP.

Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Autorizo também a gravação das minhas respostas, sabendo que toda informação será mantida em sigilo de confidencialidade, nada será divulgado, apenas usado para ser interpretado pelo pesquisador. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo(a) pesquisador(a) principal ou seu representante, rubricada em todas as páginas.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ____/____/____

Participante da pesquisa

Na qualidade de pesquisador responsável pela pesquisa “O SOFRIMENTO PSÍQUICO DA POPULAÇÃO NIKKEI NO BRASIL E SUAS FONTES”, eu, Solange Aparecida Emílio, declaro ter cumprido as exigências do(s) item(s) IV.3 da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Profa. Dra. Solange Aparecida Emílio – Orientadora

Gabriela Tiba Katsuragawa – Pesquisadora

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Pergunta disparadora: Como você enxerga o ser Nikkei no Brasil?

Questões-tópicos:

De qual geração você é (Issei- 1a, nascidos no Japão e imigrantes, Nissei- 2a, Sansei- 3a, Yonssei- 4a)? (para aqueles que não são da primeira geração) Qual parente seu veio do Japão?

Como você vive sua identidade Japonesa?

Você acha que você sofre por conta dessa identidade?

Qual a sua relação com a imigração Japonesa para o Brasil?

Você tem alguma história relevante sobre alguma história que você considera que você sofreu, e que teve a ver com a sua ascendência japonesa/asiática?

Sua aparência física, especificamente suas características fenotípicas Japonesas, já te causaram algum sofrimento?

Existem outros momentos de sofrimento relacionado a ser Nikei relevantes da sua vida que você gostaria de contar?

ANEXO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O sofrimento psíquico da população Nikkei no Brasil e suas fontes

Pesquisador: Solange Aparecida Emílio

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 84732024.4.0000.5482

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.254.632

Apresentação do Projeto:

Trata-se de protocolo de pesquisa para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado em Psicologia, vinculado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Projeto de pesquisa de autoria de Gabriela Tiba Katsuragawa, sob a orientação da Profa. Dra. Solange Aparecida Emílio.

As informações citadas, no corpo do presente PARECER CONSUBSTANCIADO, nos campos: Apresentação do Projeto; Objetivo da Pesquisa; & Avaliação dos Riscos e Benefícios; foram extraídas do arquivo PDF denominado: "PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2407090.pdf" resultado do preenchimento das 6 (seis) etapas do processo de submissão do presente PROTOCOLO DE PESQUISA via sistema integrado nacional Plataforma Brasil.

O supracitado documento informa que (...) A imigração Japonesa no Brasil soma mais de 115 anos de história, representando dessa forma parte significativa da população Brasileira. Esses indivíduos, que são emigrantes do Japão e seus descendentes, sejam de descendência racial mista ou não, são os Nikkeis Brasileiros. Apesar de ser uma população que cresce cada vez mais, as vivências e o sofrimento desses indivíduos não é um assunto muito explorado. Em vista disso, o presente estudo tem como objetivo investigar as fontes de sofrimento psíquico

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 7.254.632

relacionadas com o ser Nikkei no Brasil. Essa investigação se dará de forma qualitativa, serão utilizadas entrevistas semiestruturadas para descobrir as vivências dos entrevistados e quais são as fontes de seu sofrimento. Após as entrevistas, os dados serão revisados através de uma análise temática. A amostra será obtida por conveniência.

Introdução:

Eu sou uma mulher amarela que pertence a 4 geração de Nikkeis nascidos no Brasil. Na final da década de 1920, as famílias dos meus bisavós vieram ao Brasil em busca de uma vida melhor. Desde criança, vivi a realidade de ser diferente da maioria dos demais, na escola, na rua e em quase todos os lugares que eu frequentava. Apesar de não sentir que minhas oportunidades e direitos foram prejudicados pela minha raça e aparência física, sempre senti um não pertencimento na maioria dos grupos de pessoas que eu participei e convivo com esse sentimento até hoje. No livro *„Kazuo sem espaço no Entrelugar„*, o autor Gabriel Yukio Goto busca representar a sensação de não pertencimento vivenciada por imigrantes através de um lugar distópico chamado *„Entrelugar„*. O próprio nome fictício desse espaço remete a sensação de estar entre dois lugares diferentes que é realidade dessa população. Na narrativa, o protagonista passa por uma jornada de descoberta desse espaço, e começa a compreender que ele acontece pois ao migrar de um lugar para o outro, os imigrantes acabam ficando figurativamente no meio do caminho, se tornando eternos estranhos aos dois lugares.

Uma das consequências desse sentimento relatada na história é a criação de uma barreira externa muito forte que camufla e impede que os outros conheçam ele. Nem seu próprio nome era de conhecimento do protagonista, o que é uma referência a sua falta de identidade. Ele também descobre que está no Entrelugar desde seu nascimento, onde seu pai e seus avós foram criados também, ou seja, que apesar de ele já ser 3a geração morando nesse espaço, as consequências e o sentimento continuam os mesmos. No pós-fácio, o autor define esse "Entrelugar" como "um povo " normalmente em diáspora - que não se sente acolhido por sua terra natal, nem pelo seu destino, estando em constante questionamento sobre o seu lugar de pertencimento.". Apesar de ser um livro fictício, a leitura do livro citado no parágrafo anterior me trouxe muita reflexão sobre a realidade dos Nikkeis Brasileiros. Com certeza esse sentimento de não pertencimento está presente na vida de muitos, senão de todos nós, mas quais são suas consequências? Haveria outras fontes originadoras de sofrimento psíquico? O estado de São Paulo tem a maior colônia de Nikkeis do mundo, contudo, os sentimentos dessa

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 7.254.632

população ainda são pouco discutidos e estudados, sendo muitas vezes até negados.

Considerando isso, o presente estudo tem como tema o sofrimento psíquico vivenciado pela população Nikkei no Brasil e suas possíveis fontes. Eu busco tentar encontrar quais são os fatores que contribuem para esse sofrimento, nos mais de 115 anos de história imigratória nipo-brasileira. Psicopatologia e sofrimento A palavra Psicopatologia tem sua origem na junção de *ψ*psychê, ou seja, psique, *pathos*, que originou a palavra patológico ou sofrimento, e *logos*, que pode se traduzir como lógica ou conhecimento. Juntando essas três palavras gregas forma-se um conhecimento sobre o sofrimento psíquico, sobre o padecer psíquico. Nessa perspectiva, o sofrimento psíquico está associado à psicopatologia, e aquele que sofre disso experencia algo cuja origem ele não reconhece e que o leva na maioria das vezes a reagir de forma imprevisível por si mesmo (CECCARELLI, 2005). A partir disso, entende-se sofrimento psíquico como uma das fontes para doenças da psique, que acometem milhões de pessoas. Muitas podem ser as causas para o sofrimento psíquico, tanto causas físicas quanto culturais, da história de vida do indivíduo ou fatores relacionados à sociedade. É difícil definir o conceito de sofrimento psíquico visto que ele é amplo, tem variadas causas e se manifesta de diversas maneiras de indivíduo a indivíduo. Algumas das formas de apresentação de sofrimento psíquico no Brasil contemporâneo foram estudadas por DUNKER, 2004 na revista Mal-estar e Subjetividade. Imigração Japonesa no Brasil Com a finalidade de entender a história dos japoneses e seus descendentes no Brasil, se faz necessário fazer uma revisão histórica da trajetória da imigração Japonesa desde 1908, quando os primeiros navios japoneses chegaram ao Brasil no porto de Santos, até os dias de hoje. Ademais, também foram consultados estudos anteriores com temáticas similares como bibliografia.

A partir disso, possivelmente ficarão evidentes alguns fatores relativos ao sofrimento psíquico da população estudada, os Nikkeis. A identidade Nikkei não é estática, tem uma definição muito ampla, mas para esse estudo, trataremos como Nikkeis Brasileiros quaisquer indivíduos emigrantes do Japão e seus descendentes, sejam de descendência racial mista ou não. (fonte: Descubra Nikkei) Até os dias de hoje, existem 4 grandes gerações de Japoneses no Brasil. Partindo da primeira, que contempla aproximadamente de 1908, período da primeira imigração, até 1950, são denominados *Isseis*. Nos períodos pós segunda guerra mundial, quando ocorreu a segunda imigração, estão os *Nisseis*, que são a segunda geração, e em seguida, os *Sanseis* e *Yonseis* que correspondem a terceira e quarta respectivamente. No

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 7.254.632

período de primeira imigração, os Isseis vieram ao Brasil principalmente buscando uma melhor qualidade de vida, com ofertas de trabalho nas fazendas cafeeicultoras do Oeste Paulista, uma vez que o Japão estava passando por um período de grande crescimento populacional e desemprego. Com o incentivo do governo japonês para o movimento emigratório, através da oferta de altos subsídios para aqueles que deixassem o país, estima-se que, entre 1908 e 1941, cerca de 188 mil japoneses tenham imigrado para o Brasil (Fonte: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros) Mais adiante, em 1933, baseados em ideais eugênicos e em uma lógica de que os imigrantes seriam uma ameaça para o trabalhador nacional e para a segurança nacional, estavam em vigor muitas críticas ao trabalhador imigrante na Assembleia Nacional Constituinte (ANC) e na imprensa.

Nesse sentido, na Constituição de 1934 é instaurada a lei de cotas para imigrantes, que estabelecia um limite para a entrada de cada nacionalidade de estrangeiros, cotas que tinham como objetivo limitar a imigração sem dirigir uma medida discriminatória contra esses. (HAYASHI, 2022). Durante todo o governo de Getúlio Vargas, houve forte investimento em projetos de restrição à imigração de estrangeiros e a implementação de políticas que visavam reprimir os trabalhos dos imigrantes. Dentre os imigrantes mais perseguidos estavam os Japoneses, que nesse momento já se encontravam organizados em núcleos coloniais, com instituições responsáveis pela manutenção da cultura da terra de origem e sua transmissão para descendentes, o que os fazia serem considerados de difícil assimilação pelo governo. Essas populações foram denominadas pejorativamente como *quistos étnicos*, *quistos raciais* ou *zonas desnacionalizadas* (GERALDO, 2009). No Estado Novo, foram proibidos o ensino e os jornais em língua japonesa. (Fonte: Site do Consulado geral do Japão em São Paulo). Já em 1941, com o início da Segunda Guerra Mundial e com o governo brasileiro se posicionando ao lado dos Aliados na segunda guerra mundial, esses núcleos coloniais se tornaram ainda mais alvos de vigilância preconceitos, com o fator agravador de que o Japão era um dos países que compunha o eixo, sendo esses considerados inimigos da pátria. Com os imigrantes sendo colocados nesse lugar de ameaça à segurança pública, o governo conseguiu justificativas para elaborar concretamente práticas de repressão. Assim, começaram a acontecer prisões e internamento de imigrantes *súditos do Eixo* a partir de 1942 (GERALDO, 2009). As migrações foram interrompidas no período da segunda guerra mundial (1942-1945). Na constituição de 1946, no período pós-guerra, a imigração japonesa é quase completamente proibida. Durante uma das sessões preparatórias da Assembleia Nacional Constituinte de 1946,

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 7.254.632

Contudo, no livro *ΨPsicanálise, Cultura e Migração*, no capítulo *ΨPor que eles emigram?*, é salientado que existem outros fatores do movimento migratório que estão além das condições geográficas e político-econômicas. Também devem ser considerados os aspectos psíquicos desse processo. Ele destaca que quando um sujeito migra, há uma ruptura inevitável com a cultura anterior, ele passa viver com uma ausência de referências diretas da cultura de origem e se transforma em um estranho no espaço que habita, se sentindo desamparado como uma criança, causando angústia e intensificando a solidão. Ele destaca que uma forma de fugir desse sentimento é recriar nesse novo espaço ambientes que acreditam ser iguais aos do passado, e no caso dos Japoneses que vieram ao Brasil para trabalhar, apegam-se excessivamente ao trabalho, visto que essa ocupação os ampara psicicamente e os sustenta fisicamente através de dinheiro (CARIGNATO, 2000). Pode ser citado nesse sentido o estudo já realizado na área de sofrimento psíquico e imigração a tese de Jorge Fouad Maalouf *ΨO sofrimento de imigrantes um estudo clínico sobre os efeitos do desenraizamento do SELF*. Ele define o desenraizamento como um *Ψadoecimento* que pode deixar feridas profundas no sentimento de si mesmo do imigrante e de seus descendentes, ou seja, sair do seu país natal e se afastar de suas raízes podendo ser causa de um adoecimento que mexe com a identidade da pessoa, e levando até a não se reconhecerem em sua especificidade étnica no novo ambiente (MAALOUF 2005 apud SAFRA 1999).

Através do método histórias de vida e depoimentos, ele discute quais são os principais aspectos sobre experiências da imigração e sofrimento presentes no depoimento de 5 imigrantes que vieram ao Brasil em diferentes épocas. Os principais aspectos evidenciados foram o estranhamento, a depressão, a língua, a moradia, a espiritualidade e a amizade. Ademais, a tese de mestrado de Priscila Nucci " *ΨOs intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil: textos e silêncios* discute o vazio bibliográfico sobre o tema do racismo contra os japoneses nas décadas de 1940-1960. Nesse estudo são discutidos e evidenciados fatores sobre o racismo contra japoneses presente no Brasil desde o século passado, com foco na década de 1930 e no contexto da segunda guerra mundial, denunciando a falta de discussão sobre o assunto nas bibliografias posteriores a esse período. Em especial, no capítulo 2, fica explícito um antiniponismo brasileiro e a história desse racismo no país. Por fim, a tese de Elizabeth Yuko Haga *ΨNikkei: estrangeiro em seu país natal? Um estudo sobre identidade, estigma e preconceito com filhos e netos de imigrantes japoneses*, traz significativas contribuições ao tema através de entrevistas com Nisseis e Sanseis que tiveram como objetivo

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SÃO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 7.254.632

identificar se eles já se sentiram em algum momento da vida alvos de discriminação, preconceito e/ou estigmatização. Nos resultados, fica evidente que devido a uma ambiguidade na dupla raiz cultural, o conflito de identidade pode ser um dos causadores de sofrimento psíquico para essa população, assim como vivências na infância e juventude marcadas por discriminação pelas feições orientais e por preconceito principalmente.

Hipótese:

A hipótese presente nesse estudo é de que existem sofrimentos psíquicos na população Nikkei no Brasil que advém do próprio ser Nikkei, de sua imigração (ou de seus antepassados), de sua aparência física entre outras fontes.

Metodologia Proposta:

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa, ou seja, utiliza de técnicas interpretativas, obtendo através delas dados descritivos por intermédio de contato direto do pesquisador com o objeto de estudo. Ela tem como objetivo descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados (Neves, 1996). Esse método foi escolhido visto que em pesquisas como essa, a informação a ser investigada só pode ser encontrada do ponto de vista subjetivo dos indivíduos em estudo, como descrito por Fontanella et al. (2006). Dessa forma, Neves (1996) explica que o desenvolvimento de um estudo como esse supõe que o pesquisador faça um recorte temporal-espacial de determinado fenômeno. Levando tais fatos em consideração, essa pesquisa será realizada com indivíduos da população Nikkei Brasileira, que estiverem na cidade de São Paulo no período da entrevista. Participarão da pesquisa até 5 membros dessa população, em local a ser combinado entre as pessoas envolvidas, de forma individual.

A técnica escolhida para a coleta dos dados é a entrevista semiestruturada. De acordo com Fontanella et al. (2006), ela consiste na elaboração de um roteiro com perguntas-tópicos e uma pergunta disparadora, de forma a preservar a espontaneidade da entrevista. Também é importante que ela tenha um dinamismo, sendo guiada tanto pelas vontades do entrevistador quanto do entrevistado, sem respostas previamente determinadas, e com abertura para serem realizadas perguntas que estão além do roteiro.

Para que seja possível fazer uma análise cuidadosa dos dados e ao mesmo tempo garantir que

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 7.254.632

os entrevistados se sintam ouvidos, dessa forma possibilitando um espaço mais confortável, a entrevista será gravada, e não anotada, com o consentimento do entrevistado. Os entrevistados (amostra) serão selecionados por conveniência, ou seja, de acordo com Amatuzy et al. (2006), é uma amostragem não probabilística, definida metodologicamente como aquela em que há escolha deliberada de respondentes. De forma a prezar pelos cuidados éticos, será formulado um termo de consentimento livre e esclarecido por parte dos participantes, e as informações coletadas serão utilizadas no trabalho sem nomes reais, de modo a prezar pelo sigilo.

Critério de Inclusão:

Os critérios de inclusão adotados serão: Residir regularmente no Brasil, especificamente na cidade de São Paulo no período da entrevista; Ser Nikkei, ou seja, ter nascido no Japão ou ser descendente de alguém que nasceu; Qualquer geração e sexo.

Critério de Exclusão:

Os critérios de exclusão adotados serão: Pessoas Nikkeis de outras etnias adotadas por famílias japonesas; Pessoas Nikkeis que não sabem falar português; Menores de 18 anos.

Metodologia de Análise de Dados:

Após a realização das entrevistas, os dados dessas serão tratados através de uma análise temática. Minayo (2014) explica que esta análise é como descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado. Essa análise acontecerá em três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

A primeira fase consistirá na seleção do conteúdo das entrevistas que será utilizado e na revisão das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa. Ao entrar em contato com os dados obtidos no processo da pesquisa até esse momento, é esperado que as hipóteses iniciais se defrontem com as hipóteses emergentes e as teorias relacionadas ao tema, sendo assim possível que ocorram reformulações de hipóteses. É nessa etapa que serão determinados alguns direcionamentos da pesquisa, como as palavras-chave ou frases, a delimitação do contexto de compreensão dessas palavras/frases, os recortes, a forma de codificação, como serão categorizados os dados e os conceitos teóricos mais gerais que orientarão a análise.

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 7.254.632

Em seguida, na segunda etapa, será realizada uma categorização, ou seja, redução do material selecionado às palavras e expressões significativas, com o objetivo de encontrar o núcleo de compreensão do texto. Essas categorias devem ser selecionadas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado. Uma vez realizada a categorização, será possível classificar essas categorias, agregando-as, dessa forma especificando os temas.

Por fim, na terceira etapa, os dados das categorias já classificadas poderão ser interpretados, relacionando os resultados com a teoria descrita inicialmente no capítulo de revisão bibliográfica.

Desfecho Primário:

O desfecho para essa pesquisa será de conhecer as fontes de sofrimento psíquico dos Nikkeis que moram em São Paulo de diferentes gerações dessa população. A partir disso, espera-se que seja possível contribuir com dados e informação sobre esse assunto, possibilitando o reconhecimento e validação do sofrimento dessa população.

Desfecho Secundário:

O desfecho secundário para essa pesquisa será conhecer as vivências de 5 pessoas da população Nikkei Brasileira, entrando em contato com sua história de vida, suas experiências pessoais e com seu sofrimento. A partir disso, será possível especificar dentro do sofrimento, quais são essas fontes, e ver qual sofrimento advém de qual fonte específica.

Tamanho da Amostra no 5º

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar as fontes de sofrimento psíquico relacionadas com o ser Nikkei no Brasil.

Objetivo Secundário:

Conhecer as vivências de membros da população Nikkei que vive no Brasil; Verificar, dentro do sofrimento, o que advém do ser japonês, da imigração (própria ou de seus antepassados), de sua aparência física (sendo essa fenotipicamente de japoneses), da sua história de vida

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 7.254.632

pessoal, ou de outros fatores.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Sabemos que toda pesquisa envolvendo seres humanos apresenta riscos. Portanto, não é possível assegurar que não haverá nenhum risco na participação. Contudo, caso algum participante sinta desconforto durante as entrevistas, poderá interrompê-las e retirar seu consentimento. Informações que possam identificar os participantes serão eliminadas ou modificadas na divulgação dos resultados. Para evitar ou minimizar efeitos adversos que possam surgir da participação, o pesquisador garantirá a confidencialidade das informações que permitam a identificação dos participantes, tanto durante a pesquisa quanto em publicações futuras, assegurando um tratamento adequado dos dados coletados.

Benefícios:

O benefício principal desta pesquisa se dá de modo que o estudo poderá contribuir com o reconhecimento de possíveis fontes de sofrimento, dessa forma agregando para a literatura da área mais conhecimento e vivências. Ademais, através da descrição desse sofrimento, poderá contribuir com a identificação dele na vivência de outras pessoas, dessa forma validando a dor de outros.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide campo: "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo: "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide campo: "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A lista de documentos obrigatórios necessários a análise e revisão ética de seu projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP campus Monte Alegre (CEP-PUC/SP) é a seguinte:

1. Folha de Rosto - OK

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



Continuação do Parecer: 7.254.632

STATUS = APROVADO

2. TCLE - OK

STATUS = APROVADO

3. Ofício de Apresentação - OK

STATUS = APROVADO

4. Projeto de Pesquisa - OK

STATUS = APROVADO

5. Autorização para realização da Pesquisa - OK

6. Parecer de mérito acadêmico - OK

STATUS = APROVADO

Esta lista está disponível no site: www.pucsp.br/cometica/documentos-obrigatorios

Observação: aconselhamos que antes de qualquer procedimento de submissão na Plataforma Brasil, seja consultado o referido sítio, onde há vídeos tutoriais indicando o correto processo de submissão do projeto de pesquisa de acordo com as orientações do CEP-PUC/SP.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Colegiado do Comitê de Ética em Pesquisa, campus Monte Alegre da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - CEP-PUC/SP, aprova integralmente o parecer oferecido pelo(a) relator(a).

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SÃO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP**



Continuação do Parecer: 7.254.632

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2407090.pdf	06/11/2024 18:29:17		Aceito
Declaração de Pesquisadores	declaracao_pesquisadores.doc	06/11/2024 18:28:35	Solange Aparecida Emílio	Aceito
Outros	roteiro_entrevista.pdf	06/11/2024 18:27:25	Solange Aparecida Emílio	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	06/11/2024 18:26:58	Solange Aparecida Emílio	Aceito
Parecer Anterior	PARECER.pdf	06/11/2024 18:26:42	Solange Aparecida Emílio	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao.pdf	06/11/2024 18:26:24	Solange Aparecida Emílio	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	06/11/2024 18:26:11	Solange Aparecida Emílio	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	06/11/2024 18:25:59	Solange Aparecida Emílio	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	06/11/2024 18:25:43	Solange Aparecida Emílio	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 28 de Novembro de 2024

**Assinado por:
Antonio Carlos Alves dos Santos
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua Ministro Godoi, 969 - sala 63C, térreo do Prédio Reitor Bandeira de Mello
Bairro: Perdizes **CEP:** 05.015-001
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 **Fax:** (11)3670-8466 **E-mail:** cometica@pucsp.br